



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS

LARICE ÍRIS MARINHO MOURA

ENTRE REGRAS E TRANSGRESSÕES:
O corpo e a sexualidade feminina em Picos nas décadas de 1960 e 1970

PICOS-PI
2014

LARICE ÍRIS MARINHO MOURA

ENTRE REGRAS E TRANSGRESSÕES:

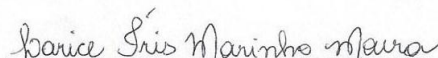
O corpo e a sexualidade feminina em Picos nas décadas de 1960 e 1970

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros da Universidade Federal do Piauí.

Orientador: Professor Me. Fábio Leonardo Brito

Eu, **Larice Íris Marinho Moura**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 20 de agosto de 2014.


Assinatura

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

M929e Moura, Larice Íris Marinho.

Entre regras e transgressões: o corpo, a sexualidade e a moral feminina em Picos nas décadas de 1960 e 1970 / Larice Íris Marinho Moura. – 2014.

CD-ROM : il; 4 ¼ pol. (56 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.

Orientador(A): Prof. MSc. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

1. Mulheres Picoenses. 2. Corpo. 3. Sexualidade. I. Título.

CDD 305.409 812 2

LARICE ÍRIS MARINHO MOURA

ENTRE REGRAS E TRANSGRESSÕES:

O corpo e a sexualidade feminina em Picos nas décadas de 1960 e 1970

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena
em História do Campus Senador Helvídio Nunes de
Barros da Universidade Federal do Piauí.

Orientador: Professor Me. Fábio Leonardo Brito

Aprovada em 05/08/2014

BANCA EXAMINADORA

Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

Professor Me. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito (UFPI)
Orientador

Marylu Alves de Oliveira

Professora Ma. Marylu Alves de Oliveira (UFPI)

Examinador Interno

Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira

Professora Ma. Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira

Examinador Externo

Mona Ayala Saraiva da Silveira

Professora Ma. Mona Ayala Saraiva da Silveira (UFPI)

Suplente

Aos meus pais, razão da minha vida:
Antônio José e Marlene

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa resume uma caminhada de estudos e busca de fontes sobre um tema que diz muito da realidade cultural na qual estou inserida. E isso envolve o modo de pensar dos meus pais, avós, tios, pessoas que são a essência da minha vida, mas que vivem em moldes de uma outra época. Poderia citar uma lista imensa de pessoas que vivenciaram e contribuíram para os resultados que serão mostrados aqui.

Em primeiro lugar agradeço a Deus, o senhor de todas as coisas a quem sempre recorri nas horas difíceis e fui ouvida. Aos meus pais, a quem tanto amo e dedico essa conquista. Sei que eles sempre quiseram o melhor para mim. Aos meus irmãos Lourena e Júnior pela compreensão e apoio, espero que eles tenham a mesma oportunidade de se identificarem com a vida acadêmica como eu.

Ao meu tio Pe. Pio, pelo grande apoio que tem me dado por muito tempo na minha vida educacional. Aos meus avós que sempre acreditaram no meu sonho e na minha capacidade de chegar até aqui. Aos demais tios e familiares, em especial à minha tia Adinha, pelo companheirismo.

Ao meu namorado Pedro pela paciência, companheirismo, carinho e amor em quatro anos dessa caminhada.

Aos amigos que a vida acadêmica me proporcionou, em especial, Rosinha e Eveline, que foram acima de tudo duas irmãs, confidentes, e parceiras de estudo. Aprendi amar vocês com todos os defeitos e qualidades, afinal, não somos perfeitos. À Lívia e Derson pelo carinho de todos os dias.

À professora, a quem devo a consolidação desse tema e muitas outras orientações da minha vida acadêmica, Ma. Marylu Alves de Oliveira. Agradeço imensamente pela disponibilidade, amizade e credibilidade.

À professora Ma. Olívia Candeia pela disponibilidade nas primeiras orientações desse trabalho.

Agradeço também ao professor Me. Fábio Leonardo, pelas orientações e confiança. Foi sem dúvidas um orientador muito prestativo, presente e competente.

Saio da UFPI imensamente agradecida à todos os professores que se preocuparam com a nossa aprendizagem e se comprometeram com a formação de novos historiadores. Às técnicas que sempre estiveram prestativas para nos ajudar nas dúvidas.

Às minhas entrevistadas pela confiança e disponibilidade.

Não poderia esquecer da família que construí no PET Cidade, Saúde e Justiça, de onde fui bolsista por três anos. Agradeço imensamente à professora Janille Ribeiro pela oportunidade e aos meus companheiros Karla Jéssik, Sílvia Noeli, Máisa Lima, Camila Dias, Luan Cardoso e José Elierson, por todos os momentos de descontração e compromisso. Amo vocês.

Enfim, só tenho a agradecer à todos que me fizeram bons votos para que eu concluísse mais essa etapa da minha vida.

*Tudo é questão de obedecer ao instinto
Que o coração ensina ter, ensina ter.
Correr o risco, apostar num sonho de amor.
O resto é sorte e azar.
Tudo é questão de não se negar nada.
A nenhuma força que dê luz, que dê luz.
Seja de Deus ou de Diabo,
Se for claro é só pagar pra ver, é só pagar pra ver.
E se por acaso doer demais é porque valeu.
É porque valeu, é porque valeu...*

(Cazuza)

RESUMO

O presente estudo discorre sobre as construções históricas e culturais a cerca do corpo e da sexualidade feminina durante as décadas de 1960 e 1970 na cidade de Picos-PI. Tendo em vista que o papel social da mulher nessa época estava muito restrito, buscamos analisar como uma parcela da sociedade picoense representava a necessidade de manter o controle sobre a sexualidade feminina que era, acima de tudo, o que definia a honra e o respeito da mulher e da família. Dessas mulheres foram tirados o direito de sentir, de desejar, de se conhecer e se possuir. Algumas se atreveram a agir com os instintos e foram seriamente retalhadas pela sociedade da época. A partir de entrevistas com mulheres que transgrediram a ordem e com outras que seguiram às riscas esses regimentos, marcamos contrapontos e questionamentos para discussões pautadas em documentos, livro de memória e fundamentações teóricas e historiográficas a cerca do estudo de gênero e do problema da História das mulheres. Faremos uma investigação de como se construiu historicamente os controles e acorrentamentos sobre as mulheres, seu corpo e sexualidade.

Palavras-chaves: Mulheres Picoenses, Corpo, Sexualidade.

ABSTRACT

The present study discusses the historical and cultural buildings around the body and female sexuality during the 1960s and 1970s in the city of Picos-PI. In view of the social role of women at that time was very limited, we seek to analyze how a portion of Picoence society represented the need to maintain control over women sexuality that was, above all, what defined the honor and respect of the woman and family. These women the right to feel, to desire, to know and possess has been removed. Some dared to act with the instincts and were badly cut up by the society at the time. From interviews with women who transgressed the order and others who followed strictly these regiments, we mark counterpoints and questions for discussions guided by documents, memory book and historiographical and theoretical foundations about the study of gender and the problem of women's History. We will do an investigation how historically built controls and enchain about women, their bodies and sexuality.

Keywords: Picoenses Women, Body, Sexuality.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Ilustração 1: Baile com uma turma de jovens no Picoense Clube na década de 1960.....	23
Ilustração 2: Antigo cabaré localizado na região da Altamira, esse registro foi feito em 2011.	25
Ilustração 3: Barradinha dançando com um rapaz em uma tertúlia na casa de Mundica Fontes.	33
Ilustração 4: Barradinha em um show da banda Brasas Seis no Picoense Clube na década de 1960.....	36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. ENTRE AS NORMAS E OS FAZERES: os usos e moldagens da sexualidade feminina em Picos nas décadas de 1960 – 1970	15
1.1. Espaços de Sociabilidades em Picos nas décadas de 1960 e 1970.....	22
1.2. As demais categorias de mulher da sociedade picoense.....	23
1.2.1. As meretrizes.....	23
1.2.2. As mulheres divorciadas ou separadas.....	25
1.2.3. As viúvas.....	26
1.3. A moral associada à sexualidade feminina em Picos.....	27
2. UMA FUGA PARA O TERRITÓRIO DOS DESEJOS: vivências transgressoras de mulheres picoenses	30
2.1. As distinções de gênero nos espaços de sociabilidades picoenses.....	32
2.2. A mulher e o trabalho.....	34
2.3. A linguagem das vestimentas.....	37
2.4. Os namoros.....	39
2.5. As Instituições e normatizações.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
ENTREVISTAS	52
BIBLIOGRAFIA	53
APÊNDICE	55

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso pretende levar seus leitores a formularem imagens de um passado que não tão distante, refletem ainda nos dias atuais, já que ainda vive aquela geração que teve sua juventude em Picos, uma cidade do interior do Piauí, nas décadas de 1960 e 1970. As memórias dessa juventude passada configuram preconceitos ou estranhamento nos comportamentos da juventude atual, que deixou a algum tempo, de se prender aos moldes introjetados nas concepções do certo e do errado na sociedade. Mas esses princípios conservadores, que teimam em resistir, já que ainda há instituições que às mantem em seus discursos, serão mostradas no decorrer desse texto como construções históricas.

Trataremos não só da juventude picoense das décadas mencionadas, mas de assuntos mais particulares que se fizeram problemas sociais. Falaremos de corpo, sexualidade feminina, mostrando os modelos impostos na época, a preocupação da sociedade com a mulher e mais propriamente com a sua sexualidade. Traremos para essa discussão, que espero ser prazerosa e importante, a imagem, e os comportamentos das principais categorias de mulher – moças de família tradicionais que respeitavam as normatizações, aquelas que transgrediam as imposições, viúvas, divorciadas, prostitutas – dando ênfase aquelas que agiram modernamente para a época, sempre fazendo comparações entre o que deveria ser certo e o que elas estavam fazendo de “errado”.

Para a concretização dos objetivos de nossa pesquisa, buscamos nas memórias das pessoas que viveram em Picos nas décadas de 1960 e 1970, palavras que definissem: a Cidade, as relações sociais que se estabeleciam nos espaços da mesma, o cotidiano das famílias, a vida das moças picoenses nos referidos anos, os namoros, e os comportamentos femininos e masculinos, de modo que pudemos adentrar em assuntos mais pessoais como a sexualidade. Para tanto, nos apropriamos do método/técnica da História Oral com base em entrevistas semiestruturadas, a fim de descobrirmos, a partir das particularidades dos entrevistados, um sentimento coletivo de jovens que tinham as mesmas regras, mas que as cumpriam de formas diferentes.

A História Oral vem ganhando espaço na historiografia, principalmente quando se estuda aspectos coletivos e culturais fugindo um pouco da História tradicional e elitista.

A história Oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da História vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa

história vivida. De acordo com Meihy (2005), é um procedimento premeditado de produção de conhecimento que envolve o entrevistador, o entrevistado e a aparelhagem da gravação.¹

Para maior eficiência dessa ferramenta de narração do passado, nos preocupamos com a escolha dos sujeitos. Todas teriam que ter vivido a adolescência em Picos no recorte temporal analisado. Foram entrevistadas três senhoras que tiveram uma juventude calma já que seguiam a risca as normatizações corporais e comportamentais impostas, e três que apresentaram algum comportamento transgressor aos olhos da sociedade de outrora.

Jacques Le Goff é uma referência importante em se tratando dos usos da memória na construção historiográfica. Sua análise é voltada para a memória e sua importância para a História. Para o autor, “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”². É importante ter essa percepção a cerca da memória quando se pretende trabalhar com a História Oral.

Como já mencionado, recorreremos à algumas mulheres para entender uma questão coletiva. Trabalhamos então com a memória coletiva dos picoenses. Nesse sentido Maurice Halbwachs (2006) faz uma análise sobre memória coletiva, perpassando primeiro pela conceituação de memória individual, pois essas duas segmentações se complementam e são indissociáveis.

Examinemos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transportar a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente. Não é menos verdade que não conseguimos lembrar senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, ou seja, nossa memória não se confunde com a dos outros.³

Percebe-se então que a memória individual depende das representações que o sujeito tem do coletivo. Nesse sentido, podemos evidenciar a ideia que as entrevistadas tinham do seu

¹ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 15-16.

² LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. 5.ed. Campinas-SP: UNICAMP, 2003. p. 419.

³ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou São Paulo: Centauro, 2006. p. 72.

comportamento, julgando-os adequados ou não, a partir do padrão determinado ao coletivo. Ainda de acordo com Halbwachs a memória coletiva, por sua vez, é aquela que cada indivíduo possui a cerca do seu grupo. Em outras palavras, as lembranças que constituem a memória se organizam de duas maneiras: naquilo que está ligado a um indivíduo, o que diz respeito à questões pessoais e particulares, ou seja, uma lembrança sua que outro não tem (memória individual); e naquilo que diz respeito à uma sociedade, a lembrança de algo ligado a um grupo social (memória coletiva). Podemos confirmar isso quando utilizamos o método/técnica da História Oral, pois, na narrativa das pessoas, além de retratar um passado individual, recorrem a um ambiente coletivo e às relações sociais.

A importância de evidenciar o espaço na memória dos sujeitos, na produção historiográfica, faz com que as entrevistas depois de transcritas, se materializem com a escrita e ganhem forma de documentos destinados à fundamentação dos trabalhos de historiadores, ou seja, a memória é codificada e qualificada cientificamente no processo de (re)construção da História. Acreditamos, portanto, que as fontes orais que utilizamos ao longo desse trabalho, atribuem a este, credibilidade e cientificidade, já que estas fontes incitaram questionamentos e problematizações.

Em se tratando de memórias, utilizamos também um livro de memória, produto de um trabalho coletivo de alunos e professores da Universidade Federal do Piauí, com título *Picos Histórias que as famílias contam*, construído a partir de fontes orais.

Trabalhamos também com fragmentos do jornal *O Profeta*, que foi um jornal impresso que circulou na cidade de Picos até a década de 1980 e teve em sua equipe de edição, pessoas ligadas à igreja, o que dava uma outra conotação aos assuntos nele exposto. Nesse sentido nos fundamentaremos em Foucault para percebermos a relação de poder que a igreja tinham nos assuntos sociais, principalmente no que diz respeito à moral, ou o que ela instituiu como moral.

Tentaremos produzir um trabalho que evidencie a mulher enquanto um sujeito histórico, a partir das perspectivas historiográficas já anunciadas por alguns autores como Joan Scott e mais especificamente Michelle Perrot. A primeira nos norteia enquanto a importância do estudo de Gênero e o caminho desse estudo ao longo da História. A segunda já nos orienta como se dá a produção historiográfica sobre as mulheres, dando à essas visibilidade e o direito à uma História que conote as suas particularidades.

Simone Beauvoir, um clássico da História das Mulheres será base aqui para uma breve conceituação, talvez essa não seja a melhor palavra, mas para entendermos o que é ser mulher e qual a imagem desse ser social que foi construído historicamente.

E em falando de sexualidade não poderíamos deixar de trabalhar com Michel Foucault, que nos deixou ricos estudos sobre o assunto analisando não só o corpo, não só os desejos, mas apontando, dentro de uma nova forma de fazer História – que olha para os assuntos mais multifacetados, polêmicos e abstratos – as relações de poder que incidem sobre os corpos, e que podam os desejos sexuais, punindo aqueles que ousam deixar-se sentir.

Esses são alguns dos autores que fundamentaram o nosso trabalho, os demais apareceram ao longo do texto para respaldar nossas proposições.

Nosso objetivo maior, e de onde ramificam-se especificidades, é observar como historicamente construiu-se um controle e normatizações sobre o corpo e a sexualidade feminina na sociedade picoense das décadas de 1960 e 1970, quais as instituições que disseminavam discursos do que seria certo ou errado para as mulheres, tirando delas o direito sobre o seu próprio corpo e sentimentos, distanciando-as negativamente da igualdade de gênero. Buscaremos, através dessa indagação maior, observar as consequências das transgressões, e o porquê da passividade da maioria das mulheres aos moldes impostos.

Essa pesquisa destina-se também aqueles(as) leitores(as) que sentem as consequências desse moralismo voltado para as mulheres mesmo nos dias mais modernos e atuais. Essa pesquisa é vinculada ao PET Cidade, Saúde e Justiça da UFPI de Picos, programa do qual sou bolsista, cujos resultados e análises estão sendo apresentados nesse trabalho de conclusão de curso.

Esse texto está dividido em dois capítulos. No primeiro trataremos da importância e das construções historiográficas em torno da História das mulheres fazendo toda uma contextualização com a situação histórica da mulher picoense em relação ao seu corpo e sua sexualidade, e, conseqüentemente nas relações sociais no espaço da cidade. Nesse sentido procuramos mostrar as particularidades das principais categorias de mulheres, no intuito de que se entenda que as normas eram gerais, mas que os estudos sobre a História das mulheres não deve ser homogêneo.

No segundo capítulo adentramos nas questões de sexualidade propriamente, enfocando mulheres de famílias tradicionais que pensavam ou tinham uma vida sexual ativa em uma sociedade rigorosa nesse sentido. Em contrapartida, e para marcar a diferença de pensamento mesclamos as informações com entrevistas com mulheres que seguiam o padrão “correto”. Falaremos também da influência e poder das instituições sociais sobre os corpos femininos.

1. ENTRE AS NORMAS E OS FAZERES: os usos e moldagens da sexualidade feminina em Picos nas décadas de 1960-1970

O propósito desse trabalho de conclusão de curso é, sobretudo, construir uma discussão teoricamente fundamentada nas entrelinhas propostas pela História Cultural, dando espaço à mulher enquanto sujeito histórico e mais propriamente às questões culturais e sociais relacionadas ao seu corpo e sua sexualidade. Segundo Ronaldo Vainfas, a História cultural ou Nova História, aparece muito na historiografia brasileira a partir das últimas décadas do século XX, quando os jovens historiadores começaram a se voltar para temas como mentalidades, as sexualidades, as religiosidades ou as circularidades culturais⁴. As análises desse trabalho se enquadrarão no recorte temporal das décadas de 1960 e 1970 na cidade de Picos, interior do Piauí, escolha que se justifica por se tratar de um período ainda arraigado em um forte conservadorismo e moralismo impostos pela sociedade e instituições como a Igreja católica, normatizando principalmente o comportamento feminino, podendo o seu controle sobre o seu próprio corpo.

A partir da década de 1960 percebe-se também a formação de um movimento feminista no Brasil, que entre tantas lutas, reivindicava a liberdade corporal e sexual das mulheres. Em Picos esse movimento não pode ser observado ainda nesse período, mas já existiam casos de mulheres transgressoras que mesmo sem ter contato com o movimento feminista, já se rebelavam contra as regras e agiam de forma liberal para a época. O estudo desses casos de transgressão serão aprofundados no próximo capítulo. Neste capítulo primeiro, serão estudados principalmente o papel da mulher na sociedade picoense no recorte determinado; o que era moral nessa sociedade e quem instituíam esses padrões de moral que era mais voltada para o comportamento das mulheres. Identificaremos também, como esses segmentos regulamentadores exerciam domínio sobre o corpo e a sexualidade feminina. Abordaremos, portanto, esses aspectos relacionados às principais categorias de mulher que compunha a sociedade picoense nesse período.

Sabendo-se das pretensões desse texto, podemos iniciar com uma problematização do estudo voltado para a História das mulheres. Tem-se percebido historicamente a importância de abrir espaço na historiografia para discussões de gênero, tendo em vista a importância de ir além dos determinismos biológicos e identificar os papéis e normas que envolvem os gêneros

⁴ VAINFAS, Ronaldo. **História: Questões e Debates**. N.50. Curitiba, Editora: UFPR, jan/jan 2009, p. 218.

que constituem a história. Mas mesmo com essa necessidade, a mulher era excluída da história. Quando começou-se a dar lugar a mulher enquanto objeto de estudo, ela ainda era colocada em estreita relação com o espaço doméstico. Depois foi excluída da história política na perspectiva positivista. Segundo Rachel Soihet⁵, as mulheres ainda não foram objeto privilegiado nos trabalhos da Escola dos Annales. E em relação ao marxismo, a autora diz que as questões de gênero eram colocadas como problemas secundários e consequência da sociedade classista. Mas com a revisão do marxismo aproximando-se da história social, os grupos marginalizados da história ganharam espaço, inclusive as mulheres.

Quanto à importância da inserção das mulheres na historiografia, Joan Scott⁶ apresenta-as como sujeitos históricos legítimos que merecem ser ouvidos. Em um primeiro momento alguns historiadores que não faziam parte dos movimentos feministas adotaram o objeto para suas pesquisas, mas com intuito de escrever sobre as mulheres para depois descartá-las ou esquecê-las, era uma história que as excluía do contexto político e econômico. Só na década de 1960, a mulher ganha mais espaços na historiografia com a eclosão dos movimentos feministas no Brasil.

Nesse sentido Michele Perrot constrói uma História das mulheres perfazendo inicialmente um percurso pela historiografia que tem a mulher como objeto de estudo. Em outro momento ela trata do corpo e da demarcação sexual assumida pelas mulheres na sociedade. O que nos permite perceber o quanto formou-se em torno o corpo e da sexualidade feminina representações históricas e culturais principalmente no que diz respeito à virgindade. Segundo Perrot a virgindade era tida como o dom mais precioso das moças solteiras e era a todo tempo vigiada e protegida pela família e pela sociedade⁷.

Foi pensando nessas questões, na necessidade de dar voz às mulheres picenses que até então pouco são percebidas na historiografia local, que me dispus a escrever sobre tal. Aparando-me nesses trabalhos mais amplos de história das mulheres, focando as construções sociais e culturais em torno dos papéis próprios da mulher no âmbito social e relacionados a sua sexualidade, pensaremos essas questões no âmbito da cidade de Picos, interior do Piauí, nas décadas de 1960 e 1970.

⁵ SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1998, p. 275-296.

⁶ SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. In: Revista Educação e Realidade. Porto Alegre: UFRGS, 1990.

⁷ PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

Picos não difere muito das outras cidades nesse período no que diz respeito às determinações dos papéis sociais de homens e mulheres. Tratando mais especificamente das mulheres que é o nosso objeto de estudo, o seu lugar na sociedade estava estritamente ligado ao espaço doméstico e a maternidade. A mulher deveria ser instruída para ser uma boa esposa, uma boa dona de casa e ótima mãe. Nesse sentido podemos utilizar como fonte o livro de memória construído por professores e alunos da Universidade Federal do Piauí, campus de Picos, cuja fonte para construção do mesmo foi à oralidade a partir de entrevistas com pessoas que viveram a juventude em Picos nas décadas aqui trabalhadas, organizado por Maria Goreth de Sousa Varão. Em relação aos papéis da mulher em Picos, os autores concluem o seguinte:

Por outro lado, a mulher daquela época era muito reprimida, submetia-se à vontade dos pais e, depois de casada, às ordens do marido. A mesma não tinha o direito de manifestar suas opiniões, seus desejos ou suas vontades, pois seria totalmente ignorada. Seu único papel era cuidar da casa, dos filhos e do marido.⁸

Essa educação regulamentadora era repassada para as mulheres tanto dentro de casa quanto na igreja católica. Picos tem um histórico religioso muito forte, onde as pessoas sempre devotaram e veneraram a igreja de modo que essa instituição exercia um forte poder normatizador sobre a sociedade e mais ainda sobre as mulheres. Principalmente no que diz respeito à sexualidade e domínio do corpo feminino. Nenhuma instrução era repassada para as mulheres no sentido de relações sexuais, pois estas só deveriam conhecer essas relações depois do casamento. Mas mesmo depois do casamento as mulheres não tinham o direito de ter uma relação sexual para sentir prazer tal como o homem, o seu papel nesse ato era apenas para procriação. Para satisfazer as fantasias e erotismos dos homens eles procuravam as amantes que eram na grande maioria as prostitutas. Os namoros nesse período eram permanentemente vigiados. Os rapazes deveriam pedir autorização dos pais e se estes concordassem abria-se as portas para visitas regulares onde os namorados só podiam conversar na presença de um adulto, e quanto ao contato físico, no máximo o que se conseguiam eram pegar nas mãos. Mas tudo estava ótimo se a mulher também concordasse ou tivesse algum sentimento por aquele rapaz, mas se a ilusão fosse só por parte do rapaz as moças sofriam também com essa imposição, pois só algumas tinham coragem de terminar mesmo desgostando os pais.

Em entrevistas, outra fonte muito utilizada nessa pesquisa a partir do método-técnica da História Oral, encontramos um relato de uma mulher que foi prometida pelo pai para um

⁸ VARÃO, Maria Goreth de Sousa et al. **Picos: histórias que as famílias contam**. Teresina: EDUFPI, 2007. p. 66.

rapaz como noiva, e que com medo de se impor diante do pai, a figura de autoridade maior, e já guardando amor proibido e escondido, fugiu de casa com seu verdadeiro amor com a ajuda das irmãs. Esse caso foi relatado pela entrevistada Suzana Sousa que afirmou ser uma prática comum na época “os rapazes roubarem as moças”⁹. Alguns pais, passada a raiva, perdoavam as filhas e as recebia em sua casa junto ao marido. Segundo dona Suzana outros nunca mais abençoavam suas filhas. Então a gente percebe que existiam casos de mulheres que não se deixava ser dominada totalmente pelas ordens da família, mas se punham em risco, pois se o casamento não desse certo ou a fuga fosse descoberta sofreria os falatórios da sociedade.

Essas imposições, principalmente a que negava o sexo antes do casamento só era imposta para as mulheres, pois para os homens era questão de honra frequentar os bordéis e iniciar sua vida sexual para provar sua macheza. Nesse sentido Luiz Barros et al. diz que:

Durante muito tempo falar em sexo era proibido, pois era sempre associado à coisa feia, imoralidade e pecado, motivo pelo qual a mulher deveria se manter pura até o casamento, pois sua castidade tinha de ser “provada” ao homem com quem se casasse, já que a virgindade sempre foi muito valorizada nos meios culturais, religiosos, principalmente no que diz respeito a sua preservação antes do casamento.¹⁰

Os autores citados acima no referido fragmento, analisam não só em um contexto geral a situação sexual da mulher, mas o que é mais interessante, em um âmbito picoense, a partir das entrevistas que foram feitas com pessoas de famílias tradicionais, religiosas, que viveram em Picos no período aqui trabalhado. Carla Pinsky em um âmbito mais geral a nível de Brasil, faz uma abordagem no mesmo sentido, focando a vigilância sobre a virgindade feminina.

De fato, a sexualidade feminina, as funções biológicas e as secreções a elas ligadas costumavam ser matéria-prima para definir as imagens de mulher mais marcantes e recorrentes. E estas vinham aos pares – a “casta” e a “impura”, a “santa” e a “pecadora”, “Maria” e “Eva” [...] A distinção dos tempos coloniais antepondo a “puta” à “santa mãezinha” abnegada e pura permanecia como referência. A necessidade de garantir a virgindade das “moças de bem” até o casamento e distinguir as “mulheres honesta” das que sucumbem aos “pecados da carne” também atravessou os séculos. O hímen continuava a ser o capital precioso das jovens, já que

⁹ SOUSA, Suzana Maria Lopes. Entrevista cedida à Eveline Maria B. Costa, Larice Íris M. Moura e Rosahilda M. Cortez. Picos, 01 de novembro de 2011.

¹⁰ VARÃO, op. cit., 2007, p. 65

comprometia diretamente aos parentes próximos. As mulheres deveriam ser vigiadas e seu sexo protegido dos sedutores, dos estupradores... e, às vezes, de si mesmas.¹¹

Na citação acima, a autora descreve bem a representação que se tinha em torno da virgindade feminina, e ela aponta os termos utilizados para designar a mulher que não segue essa normatização corporal, sempre relacionados ao pecado e aos simbolismos religiosos que garantem a manutenção de valores que inferiorizam às mulheres que se deixam levar pelos desejos. Se observarmos, até mesmo a morte humana é posta como culpa da mulher relacionada à prática sexual, pois segundo o discurso bíblico, Eva influenciou Adão à comer o fruto proibido que seria o pecado da carne. O fato é que nesse período em Picos o modelo de “moças de família” e a valorização da virgindade era acentuadamente presente no pensamento e na regimentação da sociedade.

As moças que mantinham relações antes do casamento, se fossem descobertas ou engravidassem eram ligeiramente casadas, mesmo que não amassem ao parceiro, ou se este se negasse a assumi-la como esposa, eram expulsas de casa entregues na porta dos cabarés. Além disso, a honra da família ficava manchada. Até mesmo as próprias mulheres da época julgavam e falavam das mulheres que tinham uma vida sexual ativa antes do casamento, porque a valorização da virgindade era muito forte no discurso da sociedade e da religião que tornou-se um aspecto cultural a apreciação da castidade feminina.

Em um dos jornais analisados, cujos editores faziam parte de grupos religiosos católicos também fazem referência ao comportamento feminino. Um exemplo prático deste conteúdo é um discurso de um padre a cerca das festas e namoros de jovens encontrado no jornal *A voz do Campus*:

“O que leva meninas e rapazes trocar intimidades como aquelas, Senhor? Você viu, Deus. Eram meninas de quinze anos, quatorze, treze anos....[...] É Deus, eu fiquei olhando os truques dos rapazes e a passividade das meninas[...] Tem de haver um limite. Não pode estar certo esse “esfrega esfrega” e esse clima tépido e convidativo de boates em casas de família e até em salões de igreja para garotas que ainda nem sequer deixaram a adolescência[...] Eu não acho que uma garota de quatorze anos ou até mesmo de dezesseis esteja pronta para esse tipo de bailes, Deus. Eu acho que há mil maneiras de dançar e harmonizar os movimentos com os de um rapaz, mas não aceito essa entrega de corpos, embora superficial, sem um preparo físico, espiritual e psicológico.”¹²

¹¹ PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In.: _____; PEDRO, Maria Joana (org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 471.

¹² **Voz do Campus**. Entre Jovens. Nº 6. Ano I. Picos, 18 de março de 1973. P. 67.

Nesse caso percebemos a maior preocupação com o comportamento feminino. Esse fragmento nos permite ver como o discurso religioso circulava e tentava coibir e reger uma série de regras sobre a sociedade. Encontramos também nas notícias destes jornais entrevistas com mulheres que questionavam essa normatização da igreja e se perguntavam porque elas eram obrigadas a seguir todas essas regras. Ao nos referirmos à igreja católica, podemos denomina-la instituição como tudo aquilo que toma forma de um arranjo de regras e costumes destinadas ao funcionamento e a reprodução das sociedades. E é isso que identificamos na igreja católica diante da sociedade picoense naquele período. A revista FOCO em sua primeira edição comemorando os 111 anos de Picos, traz interessantes artigos que contam a História das transformações da cidade ao longo desse tempo, bem como de famílias que fazem a História da nossa cidade. Um artigo intitulado “Anos Rebeldes” faz referência ao comportamento dos jovens picoenses em relação às influências dos novos estilos musicais e de moda que repercutiam na década de 1960. Nesse sentido podemos analisar o seguinte fragmento:

Até a maneira de se vestir mudou. O negócio era quebrar tabus: cabelos longos, pulseiras nos pulsos, roupas coloridas, óculos escuros, calças “boca de sino”. Era o psicodelismo transcendental – a rebeldia contra os costumes e comportamento conservadores. Para as mulheres a revolução foi ainda maior: seguindo o exemplo da cantora Wanderléia, as jovens passaram a usar mini-saia. Um verdadeiro escândalo!¹³

O fragmento acima nos mostra como a sociedade se preocupava com as mudanças do comportamento feminino, as roupas curtas simbolizam um jogo de sedução, pois as partes do corpo mais a mostra desperta o olhar e o desejo masculino. Existem inclusive as representações que se formam a partir das vestimentas, pois as roupas curtas tornavam a mulher vulgar. Mas vale lembrar que todo esse cuidado e vigilância sobre o corpo feminino é uma construção histórica e cultural. É em meio dessas regras que se formam as mulheres, acatando os papéis que lhes são dados sem nenhum questionamento, pelo contrário, acham até certo e criticam ferozmente quem foge do padrão imposto. A explicação é bem observada por Simone de Beauvoir quando diz que:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o

¹³ FERREIRA, Fábio Gonçalves et al. Anos Rebeldes. In: **Revista Foco**: 111 anos Picos, nossa História. I ed. Picos, 2001, p. 39.

conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.¹⁴

A partir de tal afirmação e diante da análise da situação social de dominação imposta às mulheres podemos afirmar que a mulher picoense das décadas de 1960 e 1970, assim como as demais que viveram esse período viveram no modelo de sociedade patriarcal, onde a mulher era submissa ao homem, à igreja e seus ensinamentos, colocada à margem da sociedade, preparada simplesmente para exercer dois únicos papéis o de mãe e de esposa, sem poder exercer sua sexualidade e ter domínio sobre o seu corpo, pois segundo as leis de Deus, este pertence somente ao marido para o exercício da procriação. E esse modelo de mulher, esses moldes que devem forma-las são meras construções históricas e culturais tidas como a verdade e a certeza absoluta a ser seguida. Nesse aspecto Luiz Barros et al. descreve bem a realidade feminina no contexto local de Picos:

Havia muitas regras, muitas exigências por parte das famílias e de toda a sociedade da época. Intimidades antes do casamento jamais poderiam acontecer. Se uma moça ficasse grávida, o pai a expulsava de casa, deserdava e esta ficava mal falada. Para as moças, pegar na mão do namorado já era muita coisa. Quando alguém pensava em fazer alguma “coisa errada”, pensava duas vezes antes, pois temia a reação da sociedade e até mesmo a expulsão da família.¹⁵

A partir daí podemos afirmar que a sociedade e a religião exerciam um grande poder por meio de um discurso moralista que colocava o sexo para a mulher como um pecado ou algo que feriria a sua honra. Sempre se deu muito valor à opinião da sociedade o que impedia as pessoas de viver a sua própria vida com medo da opinião dos outros.

Um ponto de avanço das jovens de Picos nesse momento histórico se compararmos com outras sociedades, é a preocupação que os pais tinham em oferecer estudos não só aos filhos homens como era comum naquele período, mas às mulheres também. E essas moças não frequentavam apenas escolas normalistas com apenas mulheres, existia o colégio das Irmãs, o Vidal de Freitas e Marcos Parente, enfim, era um avanço para a época. Algumas eram mandadas para Fortaleza para estudarem em colégios internos, outras para Teresina, claro que essas provinham de famílias ricas. Quando retornaram a Picos exerciam o magistério, uma das poucas profissões para a qual eram formadas, porque a profissão de professora se assemelhava ao papel de mãe. Sendo professora a mulher poderia dar conta do trabalho na escola e da vida familiar com o marido e os filhos.

¹⁴ BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 9.

¹⁵ VARÃO, op. cit. 2007, p. 62.

Picos já tinha um comércio ascendente nesse período, mas raramente se via mulheres trabalhando como vendedoras ou balconistas nos comércios. Os donos de comércio não colocavam suas filhas para trabalharem junto a ele porque isso facilitaria o contato dessas mulheres com os homens deixando-as mais caroáveis.

1.1. Espaços de Sociabilidades em Picos nas décadas de 1960 e 1970

Durante esse período Histórico, Picos era uma cidade ainda pequena, mas com alguns avanços principalmente no quesito espaços de sociabilidades. Havia o cinema, cinespark, o picoense clube que em suas festas regulares reunia a população jovem. Mas a principal atividade de lazer exercida pelos jovens era missa aos domingos e depois o passeio na praça principal da cidade, a praça Félix Pacheco. Havia também as tertúlias em casas de família, uma festa destinada aos jovens. Nesses ambientes aconteciam os relacionamentos sociais. Mas na década de 1960 esses bailes ou tertúlias ainda eram cercados de preconceitos no que diz respeito à participação feminina. Segundo Luiz de Barros et al. “As moças de famílias, como eram chamadas, não frequentavam esses bailes, as mesmas só iam às festas religiosas.”¹⁶ Para a sociedade daquele período esses ambientes eram propícios para o desencadeamento das relações afetivas, do contato corporal por meio das danças e até mesmo do perigoso desejo sexual. Dentro dessa discursão Pedro Vilarinho Castelo Branco faz referências à participação feminina nesses bailes, mesmo que em um contexto temporal e geográfico diferente do proposto nesse trabalho.

O salão parece ser mesmo um espaço dominado pelas mulheres, ou pelo menos, onde grande parte das atenções estavam voltadas para elas. Higinio Cunha, no seu artigo referido, nos dá a chave para entender essa atenção dispensada às mulheres nos bailes. Segundo ele, os bailes familiares eram um dos poucos momentos em que os rapazes e as moças dispunham de liberdade para conversar, para sorrir e dançar. Aí se formavam os pares na dança, trocavam-se olhares e começavam muitos namoros e casamentos.¹⁷

O fragmento acima contradiz a citação anterior de Luiz Barros et al. mas é essa mesma contradição que nos permite observar que a preocupação da sociedade das moças frequentarem esses locais era justamente as relações e proximidades que estes espaços propiciavam entre moças e rapazes. Mas isso não quer dizer que em Picos as mulheres

¹⁶ VARÃO, op. cit. 2007, p. 64

¹⁷ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres Plurais**. Teresina: Edições Bagaços, 2005. p. 44.

realmente não frequentavam essas tertúlias ou bailes. Geralmente aconteciam em casas de famílias de boas posses e isso mascarava os riscos.

Ilustração1: Oneide Rocha com turma de amigos em um baile no Picoense Clube



Fonte: Acervo pessoal da professora Oneide Rocha.

A imagem acima pertence ao acervo pessoal da professora Oneide Rocha, e nos mostra o ambiente festivo do Picoense Clube. Ambiente cujos bailes reuniam muitos jovens da sociedade picoense e onde há uma forte presença feminina como mostra as fotos. Essa foto mostra contradição com a afirmação de Luiz Barros et al. de que as mulheres de família não poderiam frequentar esses bailes. Na verdade as únicas mulheres que não podiam frequentar esses locais, para não manchar a “pureza” das “moças de respeito” ali presentes, eram as meretrizes.

1.2. As demais categorias de mulher da sociedade picoense

1.2.1. As Meretrizes

Em outra pesquisa voltada somente para as profissionais do sexo, encontramos relatos de mulheres que foram expulsas de festas no Picoense Clube e de Clubes de banho e lazer. Assim como também não podiam frequentar nenhum espaço da cidade nos horários de circulação das moças de família, apenas na segunda-feira poderiam frequentar comércios e o centro da cidade. E se pararmos para observar o preconceito e a exclusão dessas mulheres da sociedade se deve ao exercício pleno na sua sexualidade, os usos e poderes que essas

mulheres tinham sobre o seu próprio corpo o que garantia a sua liberdade sexual. E isso era tratado como doença, como se o contato ou a presença dessas mulheres corrompessem as demais. O fato é que, as mulheres ditas puras e apropriadas para o casamento também tinham medo das meretrizes, pois o que não podiam exercer sexualmente em casa as profissionais do sexo ofereciam cotidianamente, e de fato os homens realmente procuravam essas mulheres mesmo depois de casados.

Em uma entrevista com a Dona Minervina dos Santos, ela relatou:

Era bichinha, meu falecido marido, que Deus o tenha num bom lugar, gostava de um cabaré, óh eu ficava já pra morrer, só tinha essa menina aqui, mais teve um dia que me deram notícia, um dia de sábado sabe, depois da feira, me deram notícia dele lá na bomba num brega véi que tinha lá. Eu deixei Dorinha com minha irmã e fui lá. Quando eu cheguei lá ele tava só de ceroula olhando pra umas bixa veia dançar. Lá era imundo, eu num entrei até lá dentro não sabe?! Mas ficou todo mundo espantado quando eu cheguei lá. Ele se apavorou logo, ai me empurrou pra fora e eu brigando com ele, ai ele mandou eu ir na frente enquanto ele vestia as calças. Olha eu ia cega de raiva, mas quando ele chegou em casa eu abri o barraco queria separar ai minhas irmãs entraram pelo meio e num deixaram. Mais pense toda vida os homens é semvergonha, gosta dessas safadesas e toda vida teve essas meretriz pra isso minha filha.¹⁸

Nesse depoimento, nós percebemos além do medo de perder o marido para prostitutas, ou raiva de saber que o marido procura relações sexuais fora de casa, o nojo ou ideia de conduta errada ou pecado como representação que ela tem do espaço do cabaré. Mas essa representação é uma construção histórico cultural não só da Dona Minervina, mas de todas as moças e esposas que compartilhavam da ideia imposta de que em uma relação sexual a mulher não deveria sentir prazer, porque o prazer para a mulher era pecado.

Mas cabe ressaltarmos aqui que é preciso olhar como as meretrizes adotaram o comércio do corpo como forma de trabalho. Muitas, talvez a maioria estavam ali não por conscientização e por ter um pensamento liberal para a época. A verdade é que a maioria teve relação sexual antes do casamento, engravidou ou foi descoberta pela família, expulsa de casa e deserdada ficando caroável ao falatório e desprezo da sociedade. Outras provinham de famílias muito pobres e a necessidade de sobrevivência em uma sociedade sem muitas oportunidades para as mulheres, só deixava essa saída. Mas entre essas devia sim ter uma ou outra que usavam seu corpo com prazer e por desejo de liberdade sexual mesmo. Essas afirmativas também foram retiradas de entrevistas de uma outra pesquisa intitulada “As sociabilidades das profissionais do sexo na cidade de Picos na década de 1960”. Nessa

¹⁸ SANTOS, Minervina dos. Entrevista cedida à Eveline Maria B. Costa, Larice Íris M. Moura e Rosahilda M. Cortez. Picos, 03 de novembro de 2011.

pesquisa entrevistamos duas ex prostitutas que atuaram na cidade de Picos mais precisamente na Altamira, região na época conhecida pela quantidade de prostíbulos. A imagem a seguir mostra um antigo e famoso cabaré da Altamira, hoje não funciona mais.

Ilustração2: Antigo cabaré localizado na Altamira- 2011



Fonte: acervo pessoal da pesquisa “As sociabilidades das profissionais do sexo em picos na década de 1960”.

Na imagem aparece a frente do antigo prostíbulo onde a porta dava acesso a um salão enorme de shows e exibição dos corpos que estavam à disposição para serem desejados e consumidos. Na segunda imagem mostra o espaço que fica à direita do salão com vários quartos onde se praticavam todas as fantasias eróticas só concretizadas nesses ambientes. Infelizmente não nos foi cedida imagem das meretrizes nesses espaços.

1.2.2. As mulheres divorciadas ou separadas

Outra categoria que merece atenção, já que nos propomos a falar de sexualidade feminina, são as mulheres divorciadas que não eram vistas como boas companhias para as moças solteiras. O casamento era algo importante que deveria ser encarado para o resto da vida, mesmo que a mulher fosse insatisfeita com o marido, pois ela era subordinada a ele e deveria concordar e fazer tudo que ele quizesse, mesmo que fosse contra a sua vontade. As que se atreviam se divorciar eram cientes do preconceito da sociedade. Luiz Barros et al. fala sobre isso também:

Tempos atrás o casamento não poderia ser desfeito tão facilmente, mulher separada era discriminada.[...] Acredito também que antigamente os casais ficavam mais tempos juntos (em muitos casos, uma vida inteira) por razões que não mais tinham a ver com amor. Devido às diferentes condições sociais, aos condicionamentos moralizantes e ainda aos econômicos, as pessoas viam-se na situação crítica e frustrante de não poderem “sair” de um casamento falido e agonizante.¹⁹

O principal fator de preconceito era o fato da mulher divorciada não ser mais virgem e já ter tido uma vida sexual ativa. Essa experiência que não deveria ser passada para as moças puras distanciava essas mulheres das demais. Além disso, a mulher deveria fazer de tudo para viver com o marido, segundo os padrões moralizantes e juramentos religiosos, se assim não fosse a ela era associada uma má conduta.

Essas mulheres não deveriam ter esperanças de casar de novo ou de encontrar um bom partido, pois um rapaz honrado procuraria uma moça pura que lhe oferecesse a virgindade como um bem precioso e só a partir de então formar uma família própria do casal. A mulher divorciada na maioria dos casos tinha filhos, um laço com o ex marido que jamais seria desfeito. Dificilmente um rapaz solteiro queria entrar em um casamento já assumindo filhos que não eram dele, e se envolver assumidamente com uma mulher que não era bem vista na sociedade. Enfim, todos os preconceitos que entornavam essas mulheres estão ligadas à sua sexualidade.

1.2.3. As viúvas

Essa categoria embora assim como as divorciadas, tivessem experiência sexual e na maioria dos casos famílias já formadas, diferenciava-se porque a separação nesse caso tinham sido promovida por Deus, e não por motivos que fugiam da normatização da igreja. Isso pode ser percebido inicialmente no regimento da igreja católica que diz que: um casal divorciado, nem o homem nem a mulher poderá casar-se novamente na igreja até que um dos dois morra, pois segundo as leis de Deus, casados com a bênção religiosa só se separam com a morte; já em caso de viuvez pode-se casar novamente.

Não era intencional o estado de separação da viúva, e o sentimento da sociedade para com ela era de solidariedade. Poderiam ser novamente desejadas e diferentemente das divorciadas, essas tinham na sua experiência o resultado de uma esposa ideal, por isso muitas casavam novamente. Não existia portanto, preconceitos com essas mulheres, desde que elas permanecessem sem exercer sua sexualidade assim como as moças puras a menos que

¹⁹ VARÃO, op. cit. 2007, p. 65.

encontrassem um novo casamento, e se encontrasse, mesmo não tendo mais a virgindade a oferecer, só deveria se entregar depois do casamento.

1.3. A moral associada à sexualidade feminina em Picos

No decorrer desse texto descrevemos um conjunto de normas que eram impostas às mulheres em suas múltiplas condições sociais, que viviam em Picos nas décadas de 1960 e 1970. Essas normas eram criadas e impostas pela instituição de poder maior, que era a igreja católica a partir de um discurso do que era ou não pecado. Esses discursos incidiam principalmente sobre as mulheres, e eram reproduzidos e mantidos pela sociedade que funcionava como um tribunal.

Esse conjunto de normas constituía a moral. Esta que tanto era prezada, que tanto era admirada. Michel Foucault no seu livro *História da Sexualidade 2: os usos do prazer*, nos apresenta uma belíssima discussão do termo moral justamente ligada à sexualidade, nesse caso ele aborda as sexualidades de todos os gêneros, mas nos ajuda a entender como se constituiu essa moral em torno da mulher. Ele diz que moral pode ter várias definições, mas a que mais nos chamou atenção, particularmente e de acordo com a realidade picoense no período aqui trabalhado foi a seguinte: “Por “moral” entende-se um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as Igrejas, etc.”²⁰. É uma definição clara e bem visível na nossa sociedade, principalmente se olharmos para o passado onde esses valores eram mais arraigados. Ele diz também que esse conjunto de regras podem andar em coerência entre as instituições de poder que as regem, ou ter algumas divergências nas suas variações, o que não seria o caso de Picos, que a instituição de maior poder era a Igreja Católica. Era ela que elaborava os códigos de moral e bons costumes. Essa afirmação se faz possível se observarmos que o que era “certo” ou “errado” estava sempre ligado a ideia de pecado, pecado da carne quando relacionado ao sexo.

Foucault diz também que ao termo “moral” associa-se o comportamento dos indivíduos diante das regras que lhes são impostas. Nesse sentido também podemos associar ao nosso objeto de pesquisa que é a sexualidade feminina, pois sabemos que os comportamentos femininos principalmente em torno dos usos do seu corpo e da sua

²⁰ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: O uso dos prazeres**. Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal. 1984. p. 26.

sexualidade seguiam um conjunto de normas, e de acordo com o enquadramento ou não dessas normas as pessoas e seus atos eram julgados moral ou imoral. O próprio termo sexo na época era tido com algo imoral como já foi mencionado anteriormente.

Seguindo esse mesmo raciocínio do que é certo ou errado, moral ou amoral nessas sociedades mais antigas, cabe-nos também mencionar algumas passagens onde Foucault analisa questões como para quem são destinadas e por quem são vigiadas essas normas nas sociedades antigas e atuais, ele aponta principalmente a participação masculina nesse contexto, mas nos permite um aprofundamento da análise dessa questão relacionada à sexualidade feminina que é o nosso objeto. Foucault diz o seguinte:

Trata-se de uma moral de homens: uma moral pensada, escrita, ensinada por homens e endereçadas a homens, evidentemente livres. Consequentemente, a moral viril onde as mulheres só aparecem a títulos de objetos ou no máximo como parceiras às quais convém formar, educar, vigiar, quando as tem sobre o seu poder, e das quais, ao contrário, é preciso abster-se quando estão sob o poder de um outro (pai, marido ou tutor). Aí está, sem dúvidas, um dos pontos mais notáveis dessa reflexão moral: ela não tenta definir um campo de conduta e um domínio de regras válidas – segundo as modulações necessárias – para os dois sexos; ela é uma elaboração da conduta masculina feita do ponto de vista dos homens e para dar forma à sua conduta. Melhor ainda: essa reflexão moral não se dirige aos homens com referência a condutas que poderiam dizer respeito a algumas interdições reconhecidas por todos e solenemente celebrada nos códigos, costumes ou prescrições religiosas. Ela se dirige a eles a respeito das condutas em que, justamente, eles devem fazer uso do seu direito, de seu poder, de sua autoridade, de sua liberdade: nas práticas dos prazeres que não são condenados, numa vida de casamento onde, num exercício de poder marital, nenhuma regra nem costume impede o homem de ter relações sexuais extraconjugais, em relações com os rapazes que, pelo menos dentro de certos limites, são admitidas, correntes e até mesmo valorizadas.²¹

É bela e pertinente essa fala de Foucault e resume bem tudo que foi tentado ser posto neste capítulo. Ele mostra que as regras são feitas pelos homens e vigiadas por eles mesmos, e que essas regras garantem a manutenção da liberdade viril do homem colocando as relações sexuais que este estabelece como necessidade e provação da honra e da macheza. Já as mulheres são apenas receptoras desse conjunto de normas que devem constituir a sua moral, e que as colocam sempre em uma posição de dominada em relação ao homem.

Ao longo deste capítulo, tentamos mostrar o quanto a sexualidade feminina preocupava a sociedade picoense. Mesmo sendo sexo um assunto proibido nos espaços de relações sociais, todos estavam cientes que este era um forte fator determinante da moral das

²¹ FOUCAULT, Michel. Op. cit., 1984. p. 24-25.

moças. Porque segundo o discurso religioso, essa prática antes do casamento era um pecado, segundo a sociedade manchava a honra da família, e segundo as próprias mulheres, que se deixavam persuadir por esses discursos tendo-os como verdade absolutas, aquelas que se atrevessem ir contra essas normas não seriam boa companhia e representava até mesmo perigo para aquelas que tinham seus namorados ou noivos. Todo esse embricamento de normas e representações em torno da sexualidade feminina são portanto construções históricas e culturais frutos de uma sociedade patriarcal e doutrinária.

Tentamos mostrar especificamente como essa sexualidade feminina e as representações sobre seus usos se formavam em torno de cada categoria de mulher. Seria um erro falarmos apenas de mulheres solteiras como se constituíssem um grupo homogêneo, na verdade as mulheres são múltiplas e devem ser estudadas nas suas especificidades. Como trabalhar a fundo cada uma delas tornaria essa pesquisa um tanto quanto abrangente, nos restringiremos nos capítulos posteriores a tratar do grupo de mulheres transgressoras que viveram sua adolescência em Picos nas décadas de 1960 e 1970, visto que já foi feito aqui uma abordagem inicial e necessária sobre a relação de poder que a sociedade picoense e a igreja católica exerciam sobre as mulheres para então entendermos o que seria transgressão na época e qual a reação da sociedade diante de tais episódios.

2. UMA FUGA PARA O TERRITÓRIO DOS DESEJOS: vivências transgressoras de mulheres picoenses

Temos falado de uma história das mulheres picoenses, mas é um labor difícil generalizar esse gênero enquanto sujeito histórico tendo em vista suas multiplicidades e particularidades. Não podemos inclui-las de forma geral em nenhum quadro social estável, porque assim nunca foi. Há aquelas que aparecem mesmo de forma marginalizada nas entrelinhas historiográficas, presas ao espaço doméstico, vítima da submissão e naturalização de sua condição. Há sem dúvidas, aquelas que se sobressaíram e lutaram por emancipação, mesmo que esta sempre tenha acontecido de forma limitada, mas que entraram de alguma forma para a História como é o caso das primeiras mulheres letradas e politizadas como estuda em seu livro Olívia Rocha²². Mas essas últimas ainda constituem não uma História que se amplifica e abre espaços para todas as mulheres, mas uma História própria individual que não contribui para a construção da mulher enquanto sujeito histórico.

Entretanto, vivemos em uma sociedade que ainda reprime sujeitos históricos, marginalizam ou silenciam. Os motivos? Razões sociais construídas historicamente e que se cristalizaram no seio da sociedade perpassando por entre as linhas do tempo. Aquelas vozes que se calaram, ora por falta de visibilidade, ora por imposições culturais e até mesmo historiográficas, ganharão forma no presente texto. Falo de mulheres que em um período de repressão política, social, cultural e religiosa, passaram por cima dos limites impostos, libertaram-se, transgrediram e sofreram sérias retaliações.

Apontaremos também a institucionalização da moral, as suas significações e a manutenção dos valores que perpassaram nas décadas de 1960 e 1970 na pequena cidade de Picos. Nesse sentido, nos voltaremos para a construção do certo e do errado, do bom comportamento e do pecado, que monitorava e moldava a mulher, o seu corpo e sua sexualidade. Corpo esse que não lhe pertencia de fato, e cujos donos dissolviam-se no discurso social. Sim, o corpo feminino era construído por discursos moralizantes e apropriadores, que escondem, legislam e mutilam.

Se com o corpo assim acontecia, a sexualidade feminina era ditatorialmente mais preocupante. Construída historicamente por um discurso que tira de cada mulher o direito de exercê-la livremente, e que marginaliza, fere e agride aquelas que a exercem conforme a sua vontade. Nessa perspectiva, nascia meu desejo de dar voz aquelas que foram vitimadas pelo

²² ROCHA, Olívia Candeia Lima. **Mulheres, Escrita e feminismo no Piauí (1875-1950)**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2011.

preconceito e julgadas pelas leis sociais que associam a sexualidade feminina como um pecado, um erro a ser punido. Buscar o entendimento e o esclarecimento de como orientou-se essas verdades que moldavam e controlavam o comportamento feminino em Picos no período aqui trabalhado.

Segundo Edwar de Alencar Castelo Branco “ a sexualidade é um dado cultural, conformado num complexo aparato de regras e padrões de comportamento, que dizem respeito ao uso que o indivíduo faz/quer fazer de seu sexo.”²³ Baseado nessa proposição, podemos dizer que enquanto um dado cultural, a sexualidade feminina para a sociedade picoense desse período deveria ser padronizada por um conjunto de regras que tirava da mulher o poder sobre si, destinando ao homem e a sociedade o pertencimento e a o poder sobre tal.

O termo sexualidade feminina quando ligado à sexo e prazer, geram um ponto de confronto se analisados historicamente o uso dessa sexualidade. Já para o homem além de uma questão moral, a sexualidade significava uma questão de honra, já que esta provava a sua masculinidade. Foucault, ao falar de *Aphrodisia*, diz que esta é uma atividade realizada entre dois atores.

[...] os “atores ativos” no cenário dos prazeres e os “atores passivos”: de um lado aqueles que são sujeitos da atividade sexual, (e que devem cuidar de exerce-la de maneira oportuna e com medida); e de outro aqueles que são os parceiros-objetos, os figurantes com os quais e sobre os quais ela se exerce.

Nesse fragmento Foucault descreve com propriedade os papéis sociais da trama sexual real que se desenvolveu ao longo das civilizações inclusive em Picos no período aqui trabalhado. Ao homem sempre foi dado o direito ao desejo, ao exercício de sua sexualidade. Já às mulheres resta o posto de objeto de prazer do homem que deve ser desprovida de qualquer desejo, mantendo-se nas rédeas.

O quadro social de Picos em relação aos gêneros e seus papéis, nas décadas de 1960 e 1970 são bem definidos nesse sentido. Como uma das fontes utilizadas para a construção desse trabalho, foi a oralidade, buscamos encontrar dentro da juventude dos referidos anos, falas que descrevessem o cotidiano das jovens da época. Encontramos discursos que condizem e afirmam até hoje essa ideia de limite de sexualidade feminina. Mas, encontramos também, vozes que se calaram, que sofreram, mas que lutaram por uma liberdade sexual e comportamental dentro dessa sociedade montada em um modelo patriarcal.

²³ FOUCAULT, Michel. Op. Cit., 1984, p. 46.

Essas mulheres tidas como transgressoras de uma ordem, viram nesse trabalho a oportunidade de se defenderem das inúmeras críticas e atos de exclusão e preconceito, que já eram vivenciados por mulheres que fazem do corpo o ganha pão. A diferença é que trata-se de filhas de famílias tradicionais, financeiramente estabilizadas, e religiosamente fieis aos preceitos cristãos. Em contra partida, justamente para marcar a diferença de pensamento, foram entrevistadas mulheres que ao contrário, seguiam à risca as ordens impostas. E é esse emaranhado de opiniões dispersas e incomuns no âmbito discursivo, que nos fornecerão uma ideia do que era ser mulher naquele período para a sociedade picoense.

2.1. As distinções de gênero nos espaços de sociabilidades picoenses

Uma questão importante e que distingue a autonomia masculina da feminina é a separação dos espaços da cidade, isso nos mostrará inicialmente como se configura a imagem feminina. Naquela Picos de outrora, não existiam espaços de sociabilidade frequentados só por mulheres, mas existiam lugares que só poderiam ser frequentado por homens e que mulher nenhuma poderia sequer conhecer. Em todas as entrevistas foi mencionado o “bar do Pipoca” que ficava localizada na praça Feliz Pacheco, principal local de concentração de jovens daquela época. Em entrevista com a Dona Conceição Lélis, ela conta que:

Tinha lugares que mulher não andava, só tinha homem, vários, tinha o bar do Pipoca que só andava homem, lá mulher não entrava, a mulher que entrasse lá vixe, fulana entrou no bar de Pipoca. Ficava ali na praça onde hoje é ali o Boticário, o famoso bar do Pipoca, e tinha outro que ficava ali onde hoje é Paulo das Ervas. Eu lembro que quando Rosa Luz era presidente do CEP, time de futebol daqui ai o flamengo veio de Teresina pra jogar aqui ai ela queria beber uma água mineral, e isso já foi agora nos anos 90 né, ai o bar tava cheio de homem ai ela disse: eu num vou entrar ai não, ai eu disse: pois eu entro, eu nunca tive esse problema, você é que se dá respeito, ai eu entrei, quando eu entrei o bar estava realmente lotado, ai tinha uma pessoa que quando eu entrei disse: ei conceição quando o time vai jogar bola e vocês que vão no ônibus dá uma transa danada hem?! Ai eu disse: que nem a tua mulher com aquele teu vizinho. Também os copos ficou tudo no ar. Ai ele disse: eu tô brincando com você, ai eu disse pois eu também estou, mais se você falar sério eu também estou.²⁴

Nesse fragmento percebemos a proibição da presença feminina em alguns espaços, e a vulnerabilidade que esses espaços refletiam nas mulheres que ousavam frequentá-los. Quando ela fala em bar do Pipoca, isso não quer dizer que é uma exclusividade desse bar. O bar é uma

²⁴ LÉLIS, Maria da Conceição Leopoldo. Entrevista realizada por Larice Íris Marinho Moura no dia 10 de junho de 2014.

ambiente que tem uma significação masculina, também criada culturalmente, e a presença feminina nesses espaços conotam uma ideia de que aquela mulher tem uma liberdade sexual e pode ser abertamente assediada e faltada com respeito.

O local comum às mulheres e que servia de encontros amorosos era a Praça Felix Pacheco que como já foi dito anteriormente, as moças e rapazes, servia de espaço para o flerte. Esse passeio acontecia geralmente aos domingos após a missa que todos os jovens eram severamente obrigados a participarem. Como a energia naquela época acabava às vinte e duas horas, nove e meia todas as moças deveriam estar em casa. Com isso observamos o controle da sociedade sobre o contato das moças com os rapazes.

Ilustração 3: Barradinha dançando com um rapaz em uma tertúlia na casa de Mundica Fontes.



Fonte: Acervo particular de Mundica Fontes.

Na foto a cima, temos Lena Rios, seu nome artístico, e conhecida em Picos como “Barradinha”, uma de nossas entrevistadas, dançando em uma tertúlia, famosa festa de jovens

em casas de família, na residência de sua amiga Mundica Fontes. No capítulo anterior foi exposto a percepção da sociedade sobre essas tertúlias, que embora não fossem tão bem vistas, aconteciam e eram uma forma de os jovens se divertirem sob a fiscalização dos adultos. Eram como festas de respeito. Acredito que em Picos nessa época não eram tão mal vistas porque só oferecia esse tipo de evento as famílias mais abastadas financeiramente, o que dá outra configuração à realidade.

2.2. A mulher e o trabalho

Quando falamos de mundo do trabalho feminino nas décadas de 1960 e 1970, podemos apontar um quadro que não era comum só de Picos. Sabemos que à mulher ainda era negado alguns direitos, ela sempre vista como algo menor que os homens. Os trabalhos femininos eram quase sempre os mesmos, restrito ao espaço doméstico e às vezes adicionado ao magistério. Algumas moças filhas de lavrador ajudavam em trabalhos na roça.

Definir os trabalhos apropriados para mulheres nesse período é um tanto quanto fácil, já que não é um lista grande. Mas falar de trabalhos que são masculinos e mal visto para mulheres nos fará estender-nos. Podemos iniciar pelo comércio, um pai de família que tivesse um comércio, não colocava suas filhas para ajuda-lo, pois a sociedade já não via isso com bons olhos. De acordo com o nosso foco de estudo, analisamos que para o raciocínio daquele período, a moça que trabalhasse como comerciante estaria se expondo aos clientes, ficando caroável à insinuações ou olhares e pensamentos pecaminosos.

O trabalho em redes de comunicações também não era bem visto. Três de nossas entrevistadas, que experienciaram o trabalho jornalístico, eram vistas como transgressoras na época. No fragmento a seguir Naza Rufino nos demonstra o estereótipo que se criou em torno dessa profissão:

Eu ainda tinha 17 anos quando comecei a trabalhar na televisão aqui em Teresina. Na verdade, ser exposta ao ambiente errado fez muita diferença para o que aconteceu comigo daí em diante, meu pai tinha morrido menos de um ano antes, meu pai sempre manteve cabresto, mesmo cego, mesmo lá em Santa Cruz ele segurava o cabresto da gente o tempo todo, ele controlava a gente, ele tinha, todo mundo tinha medo, tinham o maior respeito, tinha medo de fazer qualquer coisa, tomas qualquer atitude que fosse contra os ensinamentos dele o que ele achava certo, entendeu?! Então eu vim comecei a trabalhar, quando eu digo ambiente errado, não é que a TV é um ambiente errado, pra mim era, porque eu estava despreparada, era uma criança entendeu, 17 anos é uma criança, é um ser humano que tá ainda sendo

transformado pela natureza e eu estava pela primeira vez morando sem ser dentro da família, que sempre morava com tios e tias, e dessa vez eu morava numa pensão. Fui trabalhar na televisão e fiquei muito exposta a cidade toda entende?! Assim no sentido de ficar reconhecida rapidamente e tinha o tabu que eu não conhecia de que se você trabalhasse em televisão você era puta entendeu. Ai eu tinha dificuldade de socializar, os rapazes assim, das famílias aqui não iam paquerar comigo ou me chamar pra sair, eu num tinha amigas da minha idade pra passear, pra ter uma vida normal de adolescente. Então quem era que se aproximava de mim? Os adultos que de alguma forma queriam me usar entendeu? Tinha um adulto que tava conseguindo me seduzir no sentido de fazer eu me apaixonar por ele com todos os truques que hoje como adulta eu sei, e eu para esquecer aquela pessoa, é era casado, e para não sucumbi a ele eu comecei um relacionamento com outro que dizia que era desquitado, aquela história, o menos mal.²⁵

Percebe-se então que a sociedade agia refletida nas configurações que se criaram ao longo da história entorno da exposição da mulher na televisão. Algo que hoje é tão comum e almejado, outrora fora recriminado e marginalizador. Já em entrevista com Barradinha, outra mulher que, quando jovem – basicamente na mesma idade da Naza – também trabalhou na televisão, diz não ter sofrido nenhum tipo de preconceito ou exclusão social. Talvez porque a família desta sempre tenha demonstrado posturas mais liberais, de forma que as pessoas já estavam acostumadas com o jeito mais moderno da Barradinha. Já a Naza teve ao longo de sua história uma formação diferente, mais presa, e se expor numa rede televisiva a colocava como um produto que estava a mostra como se qualquer um pudesse aproveitar-se dela.

Lena Rios também trabalhou no mundo da música, muito nova iniciou sua carreira de cantora ainda em Picos, em uma banda de homens. Viajava para shows na região, e isso não era um trabalho bem visto para a época. Nesse sentido, ela diz no fragmento a seguir o quanto foi recriminada dentro de casa por essa profissão: “No tempo dos *Leões* teve dia de eu apanhar três vezes por dia, mais eu não estava nem aí. Eu já sabia que meu avô ia me bater de corda, eu botava duas anáguas de baixo do vestido e evitava pegar porrada nos braços, botava sempre o bumbum.” Nessa fala fica bem nítido como esse comportamento era reprimido, e tudo nos leva a crer que o medo pelo exercício da sexualidade era a preocupação central. Nesse raciocínio, deveriam prender as moças privando-as de muitos espaços que as deixassem em maior contato com a exibição corporal e a aproximação masculina, e a vida artística representava isso. Na imagem a seguir podemos visualizar a atuação da Barradinha no ramo artístico da época.

²⁵ MCFARREN, Maria Nazaré Maia Rufino. Entrevista realizada por Larice Íris Marinho Moura em 16 de setembro de 2014.

Ilustração 4: Barradinha em um show da banda Brasas Seis no Picoense Clube na década de 1960.



Fonte: Acervo particular da professora Mundica Fontes.

Na imprensa escrita e no rádio também não era diferente. Segundo Conceição Lélis que é picoense, mas trabalhou dez anos na redação do jornal *O Dia*, em Teresina, onde cerca de quarenta mulheres exerciam a função de publicitárias, narra o cotidiano de trabalho, onde as publicidades eram fechadas com as mulheres dentro dos quartos de motel. Nesse tipo de trabalho as mulheres ganhavam por comissão, e os empresários faziam os negócios em troca de sexo. Segundo a entrevistada, ela nunca se deixou ser usada a troco de um contrato, e as vezes as colegas eram levadas para os motéis e os empresários ainda não fechavam os contratos.

Percebe-se aqui o quanto o trabalho está ligado com os cuidados com o corpo e a sexualidade feminina. Por isso entre as tantas razões da luta feminista o direito a igualdade no trabalho e nas condições para este eram reivindicadas. Os trabalhos femininos deveriam se aproximar ao máximo do seu papel moldado de dona de casa e mãe de família, como é o caso do magistério que vinculava a imagem da professora com a de mãe. O mundo artístico não era

próprio para mulher porque a exibia, voltava os olhares da sociedade para aquilo que deveria passar despercebido e ser bem guardado, o corpo. Essa exibição corporal era entendida como uma ponte de liberdade que dava aos homens o direito de violentar a mulher com insinuações, assédios e pensamentos fúteis.

2.3 A linguagem das vestimentas

A forma de se vestir também tem uma séria ligação com as determinações morais da época. As roupas seguiam um padrão de próprias e impróprias que refletiam no prestígio da mulher. As blusas deveriam ser de manga e as saias e vestidos próximas ao joelho. Calça não se podia usar. Enfim, havia uma série de regras de vestimenta para as mulheres nesse período.

Uma das entrevistadas, Maria do Socorro Barradas, conhecida no âmbito picoense como Barradinha e no mundo artístico como Lena Rios, figurou-se nesse cenário como uma mulher de comportamento avançado para a época, como muitas outras. Barradinha ousou nas roupas, na forma de se comportar na sociedade. Entrou nas bandas de música “Os brasas seis” e “Os Leões”, comportamento que naquela época deu muito o que falar. Ficou muito conhecida regionalmente, tanto é que todas as outras entrevistadas a conheceram e falaram dela como “uma mulher a frente do seu tempo”. A artista fala um pouco sobre o seu modo de se vestir na época.

Aii eu adorava minissaia fia [risos] depende, eu era um misto assim de gostos interessantes. Eu toda vida, não sei se é porque desde pequenininha minha família dizia que os Barradas com s, porque tem a família Barrada e os Barradas, todos os Barradas que termina com s que são da mesma origem, da Espanha e que a origem da nossa família são de Nobres franceses casados com ciganos espanhóis, então esse Barradas é bem Espanhol e toda vida eu tive um ciganismo muito forte dentro de mim sabe. Minhas roupas ou era minissaia mostrando a bunda ou era saia bem longa aqui dos lados, rosa nos cabelos, toda vida eu gostei de rosa no cabelo, cabelo na cintura. Era assim, era um misto, tinha hora que eu ia lá botava minissaiazinha, minibota, e em Picos quando eu saia assim, fechava o comércio, tava nem aii [risos]. As outras meninas não se vestiam assim mais adoravam ficar perto de mim, eu não despertava, sabe assim uma que aparece mais que as outras que gera um certo ciúme, despeito, já as meninas não, queria chegar junto, e as vezes eu sentia nelas que elas ficavam chateadas porque a família delas não dava liberdade que a minha me dava de fazer aquilo que eu queria fazer, a minha

família confiava em mim, não eu apanhava muito, eu apanhei pra cacete viu [risos].²⁶

O fragmento acima deixa claro que a minissaia era uma roupa ainda criticada na época e proibida por muitos chefes de família, e que de fato, despertavam muitos olhares. À mostra do corpo feminino era controlado pelas roupas da época. Em contra partida, em entrevista com uma senhora que na época foi uma jovem mais controlada pelo pai, mais acatada dentro dos limites impostos, percebemos como eram as roupas que deveriam no senso comum, serem usadas pelas mulheres. A professora aposentada Maria do Socorro Fortaleza Fontes diz que:

As roupas, elas não eram muito compridas não elas eram mais ou menos no meio da coxa aqui sabe, não eram muito curtas não porque meu pai não deixava, mas era o tempo da época da minissaia, agora meu pai implicava muito com a gente era com vestido de alça, ele não deixava e eu gostava de um vestido de alça, mais ai a minha irmã era quem costurava, Irene ai ela fazia um blazer que a gente chamava na época de bolero pra jogar por cima, quando a gente se arrumava pra sair de casa, eu saia com aquele blazer né, com aquele bolero, só que chegava, quando eu dobrava a esquina eu já dobrava ele, enrolava e botava numa bolsa e deixava lá na vizinha lá mais na frente. Mas um dia eu encontrei com ele na rua e disse: e você vai pra onde desse jeito, mal trajada desse jeito? Volte agora e vá trocar de roupa. Quer dizer e era alça grossa num era alcinha fina não...²⁷

Então percebemos o quanto era fiscalizada e conservadora a questão das vestimentas. As moças até tinham vontade de sair seguindo a tendência da época, mas construiu-se culturalmente uma ideia de valor moral sobre as roupas, como se estas determinassem a índole e o estado de sexualidade das mulheres. Naza Rufino também diz que usava minissaias que tinham apenas um palmo de comprimento. Para quem não viveu aquela época, mas vê hoje aqueles que viveram sua juventude nesse período falando mal do exibicionismo dos corpos femininos nas ruas e na televisão, é fácil entender o quanto isso está refletido na formação histórico cultural da sociedade picoense. O caso da professora Socorro Fortaleza ainda é dos mais amenos. A dona Conceição Lélis diz que além das blusas de manga, as saia deveriam ser abaixo do joelho. Mais a frente veremos como essa ideia de própria e impróprias e construiu na sociedade picoense.

²⁶ RIOS, Maria do Socorro Barradas Falconeri. Entrevista realizada por Larice Íris Marinho Moura em 15 de setembro de 2014.

²⁷ FONTES, Maria do Socorro Fortaleza. Entrevista realizada por Larice Íris Marinho Moura em 10 de junho de 2014.

2.4 Os namoros

Se tratamos aqui de corpo e sexualidade feminina, não podemos nos afastar das relações entre os corpos feminino e masculino que implicam diretamente na sexualidade, no misto de desejos e sensações que afloram na adolescência independente da situação e momento histórico. Construiu-se historicamente uma ideia de que desejos, prazer eram sentidos masculinos que determinavam inclusive a virilidade do homem. Sendo assim é impressindível estudarmos a sexualidade e usos e representações do corpo feminino sem analisarmos a sua condição diante do papel social e viril do homem na sociedade e tempo aqui estudados.

Nesse sentido, Albuquerque Júnior²⁸ coloca que em torno do homem nordestino permeia a ideia a ser mantida de que o homem deve ser “cabra macho”, homem viril e violento capaz de enfrentar qualquer situação para manter sua honra. Homem que tem no ato sexual, na capacidade de ereção, tem na mulher o seu objeto de prazer que deve ser tratada de forma rústica, violenta para demonstrar autoridade. O homem nordestino é definido, portanto, como um sujeito conservador, que presa pela sua masculinidade, e que ainda em uma ordem primitiva deve procurar conhecer sexualmente várias mulheres para provar para a sociedade a sua machesa. De acordo com Castelo Branco²⁹ na literatura piauiense do século XX, é perceptível o incentivo e a exposição do modelo masculino, sendo o homem o responsável ou “dono” da família, que deveria mantê-la economicamente e determinar as ordens da casa. Deveriam também, manter-se ilesos de doenças, vícios e outras práticas que degrenissem a imagem de um bom cidadão.

Percebe-se portanto, que entorno dessa construção histórico-cultural da figura masculina, especialmente nordestina, instituiu-se um modelo patriarcal que perpassou e não se extinguiu ainda por entre as gerações. Nesse modelo a mulher colocada sempre como submissa ao homem, representando um ser social responsável apenas pela procriação e pela manutenção do prazer masculino. Porque a mulher não poderia expressar seus desejos? Ai entra uma séria questão religiosa que será tratada mais a frente. O fato é que assim como essa imposição sexual do homem sobre a mulher, restou a esta, a camuflagem de seus desejos e anseios de liberdade. A ereção do homem deveriam ser motivo de glória e as manifestações de prazer na mulher deveriam ser arrancadas e amaldiçoadas.

²⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nordestino: uma invenção do falo; uma história do gênero masculino** (Nordeste: 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.

²⁹ CASTELO BRANCO, Edwar. In.: **Anais do VII Seminário Fazendo Gênero**. Santa Catarina, 2006.

E nesse contexto se davam os namoros, um tanto quanto puros. Não passavam de relações familiares, onde a moça devia fidelidade ao rapaz e conformar-se com simples trocas de carícias sob supervisão de outras pessoas. Para suprir as necessidades masculinas existiam as meretrizes que eram geralmente moças que ousaram conhecer o proibido antes do casamento e bandonadas pela família.

Os namoros aconteciam geralmente nas próprias casas das moças ou nos passeios pela praça Felix Pacheco. Segundo Socorro Fortaleza:

Eu comecei a namorar muito cedo, com 13 anos eu já comecei a namorar com meu marido, mas não era os namoros de hoje, porque a gente tinha um compromisso muito sério, mas essa história de sexo, destas coisas, a gente se respeitava muito e num acontecia assim, pelo menos graças a Deus comigo não, já vim me casar com 18 anos num é? E nós num tivemos nenhum relacionamento assim sexual não, porque naquela época, se você tivesse, é, é como é que eu quero dizer, se você tivesse uma transa assim com um rapazinho você não serviria mais para outro homem não, você tinha que ser daquele ali ou então os outros não queriam não. Então assim, eu me lembro que minhas amigas e eu, nós tínhamos muito cuidado com isso né? Ora a gente não vai facilitar porque se a gente facilitar a gente fica sujeita a ele, a poder ficar só com ele e ter que casar.³⁰

Ora, se nós sabemos que para o homem era questão de honra ter várias mulheres, temos nessa fala a prova de que para as mulheres a provação da honra estava não apenas na fidelidade, mas na abstinência sexual, no compromisso com a sua feminilidade e moral. O quão difícil deve ter sido para aquelas que encheravam a vida de outra forma, para aquelas que desejavam ter mais liberdade e oportunidade de agir sem medo das respostas da sociedade. Pois, enquanto algumas poucas tinham esses sonhos de representarem outra imagem na sociedade, outras muitas, quase todas, reafirmavam aquilo que estava sendo imposto, como é o caso do relato acima, quando Dona Socorro e suas amigas tinham cuidado para não deixar nada acontecer porque caso contrário não serviriam para outro rapaz. Quando ela diz também “graças à Deus” que com ela não aconteceu nenhuma relação antes do casamento, percebemos também a grandiosidade do significado que tinha a pureza feminina.

No volume três da coletânea *História da Sexualidade*, Michel Foucault³¹, fala sobre as percepções históricas e filosóficas que refletiam nos cuidados de si, da própria alma e do próprio corpo. A partir das análises de textos históricos antiquíssimos, até mesmo da

³⁰ FONTES, Maria do Socorro Fortaleza. Entrevista realizada por Larice Íris Marinho Moura em 10 de junho de 2014.

³¹ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

antiguidade grega, ele faz apontamentos para a atitude e preocupação do ser com o cuidado de si. A partir daí podemos avaliar a interdição do sexo, como algo naturalizado e introjetado em cada mulher, de forma que ela devia agir cuidando de si, do seu corpo, que era acima de tudo, um elemento social a ser zelado, e com isso criou-se a ideia do desrespeito em torno da prática sexual feminina e da tentativa masculina de ter essa prática com essas mulheres. As orientações para esse cuidado não eram explícitas nas falas orientadoras, mas estavam ali camufladas pelo medo de tocar nesses assuntos, ou pelas proibições desse tipo de fala. Mas as palavras dispersas e incompletas desses discussos, eram ligeiramente entendidas, absorvidas e na maioria das vezes respeitadas pelas moças picoenses das décadas de 1960 e 1970.

Enquanto Dona Socorro e suas amigas resistiam a essa maneira de ver o mundo e de se identificar, outras como Naza, Barradinha e Conceição Lélis se mostravam diferentes em relação aos namoros. Conceição Lélis disse: “eu nunca gostei de homem que desse em cima de mim, eu nunca gostei de ser conquistada, destá que se eu quizesse eu dava um jeito de conquistar”³². Nessa fala e em tantas outras já transcritas anteriormente, percebemos que a dona Conceição era um raro tipo de mulher que não se intimidava ou não se deixava prender às regras sociais. O quão estranho deveriam achar as moças, uma mulher galanteando um homem, esse não era um comportamento próprio para a época.

Em fragmentos anteriores da fala da Naza Rufino, ela fala da dificuldade que teve em se relacionar, pois os rapazes de família não se aproximavam dela devido a sua exposição na televisão. Mas além desse fator ela tinha uma visão de mundo diferente também, que almejava uma liberdade sexual. E de fato conquistou, mesmo diante das sérias consequências que sofreu. Outro fator que a marginalizou foi o fato relatado a seguir:

Uma moça de família namorar com um desquitado, aparecer em público com um desquitado ela ia ficar manchada pra sempre, porque estava com um relacionamento ilícito, mas eu com aquela coisa da bandeira do feminismo, de liberdade, eu usei aquilo como a minha bandeira né?!³³

Nessa fala percebemos o quanto o envolvimento sentimental interferia e refletia nas representações sexuais da mulher. Dentre outros motivos, poderíamos pontuar o fator da experiência masculina de um homem que já havia vivido uma vida conjugal, perto de uma moça de família. Nesse raciocínio, o homem tentaria manter relações sexuais com ela, etão,

³² LÉLIS, Maria da Conceição Leopoldo. Entrevista realizada por Larice Íris Marinho Moura no dia 10 de junho de 2014.

³³ MCFARREN, Maria Nazaré Maia Rufino. Entrevista realizada por Larice Íris Marinho Moura em 16 de setembro de 2014.

provavelmente, uma mulher que se envolvia com um desquitado não seria mais virgem. Eis aí o ponto central nas análises sociais sobre esse tipo de relacionamento.

Os namoros deveriam ser puros, ingênuos, partindo de pessoas de mesma índole. Havia também ainda a questão dos arranjos familiares. Os relacionamentos recebiam um empurrãozinho da família para manter uma hierarquia de tradições e costumes que mantinham o nome e a honra da família, ou seja, as moças eram incentivadas a se comprometerem com determinados rapazes porque aquele seria “o bom partido”.

Falando em honra familiar, esta estava imensamente comprometida com a sexualidade feminina. Uma mulher que ousasse ter algum tipo de relação sexual antes do casamento, se descoberto, e principalmente não assumida pelo rapaz, mancharia não só o seu nome, a sua identidade, mas a honra da família, os pais também levavam a culpa por não manter o cabresto sobre suas filhas. Daí temos uma noção do quão grande era a gama de significações que se estabeleceram ao longo da história e entre as diversas culturas, em torno da sexualidade feminina, e quantos discursos se construíram para que o homem mantesse seu posto de superioridade no passar das gerações.

Prosseguindo esse raciocínio, propomos uma análise sobre as consequências da liberdade sexual feminina naquele período. Sobre esse assunto Naza Rufino se coloca como prova viva vítima de preconceito e marginalização:

Quando eu voltei pra Picos, comecinho dos anos 80, nossa senhora, o que se esperava o que se falava era que as mulheres casadas ficavam tudo segurando os maridos, diziam abertamente, eu cheguei a ser expulsa do batalhão quando eu comecei a namorar com meu marido americano o comandante do batalhão e a mulher dele chegaram a proibir ele de me levar lá porque eu não era digna, nessa época eu já tinha uma filha que eu tive lá em Recife com um cara que eu vi que era desquitado, com quem eu vivi três anos. Picos tinha uma ideia de mim como uma vadia, era como se diz, mãe solteira, então cadê o homem, cadê o marido? Não tá só! Até você ser divorciada naquela época, disquitada, você ficava tudo quanto era homem ia dar em cima de você. Olha as cantadas que eu recebi aqui em Teresina de gente que eu nunca esperava, sabe, gente relacionada à família assim, que era amigos da família que eu pensava que tinha respeito por mim, que me passaram cantadas nojentas aqui em Teresina e lá em Picos também, figuras públicas aqui em Teresina, de chefes meus nos meus trabalhos que tentavam me bolinar, me pegar, me agarrar como se fosse a coisa mais natural do mundo, eles esperavam que eu aceitasse, eles esperavam que eu fosse aquela vadia qualquer. Depois desse relacionamento aqui quando eu voltei pra Picos, a melhor amiga minha, foi proibida pela mãe de andar comigo, ela

mesmo me disse concordando com a mãe, eram as cabeças daquela época né?!³⁴

Nesse fragmento, Naza deixa claro a visão da sociedade da época, em torno das transgressões sexuais por parte das mulheres. Esses preconceitos partiam não apenas dos mais velhos daquela época, mas dos jovens rapazes e principalmente das moças atadas e encobertas de conceitos e modelos que definiam a fêmea enquanto gênero dependente e inferior ao homem, desprovidas de direitos e opiniões próprias. Nesse sentido Foucault diz que:

Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede de poder, teia que se alastra por toda sociedade e ninguém pode escapar: ele está sempre presente e se exerce como multiplicidade de relações de forças. E como onde há poder há resistência, não existe propriamente o lugar da resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda estrutura social.³⁵

Por isso manifestações como as de transgressão apresentadas aqui, são dentro de uma sociedade que detem o poder, uma forma de resistência, que não é uma característica do período de 1960 e 1970, nem da cidade de Picos, e nem unicamente das mulheres aqui citadas. Elas servem de referência para observarmos justamente as exceções das grandes regras, o exercício do poder nas sociedades pelas instituições, e as resistências a ele.

Em fragmentos anteriores da fala da Naza Rufino, ela fala da dificuldade que teve em se relacionar, pois os rapazes de família não se aproximavam dela devido a sua exposição na televisão. Mas além desse fator ela tinha uma visão de mundo diferente também, que almejava uma liberdade sexual. E de fato conquistou. A artista diz que queria ter um parceiro, que quando repassasse confiança, ela pudesse ter relações com ele, e que se não desse certo, deixar com naturalidade. Que a relação sexual não representasse um laço forte e vitalício como se pensava naquela época. Sabe-se que esse tipo de pensamento reprimia socialmente uma mulher. Na verdade talvez nem as prostitutas pensassem assim. Talvez muitas levassem essa vida de trabalho sexual por falta de condições de sobrevivência, ou por terem tido relações fora do casamento e foram expulsas de casa. Se muitas das prostitutas picoenses das devidas décadas, tivessem tido oportunidades de trabalho, famílias bem desenvolvidas, pensariam e agiriam conforme ditavam as normas sociais da época.

³⁴ MCFARREN, Maria Nazaré Maia Rufino. Entrevista realizada por Larice Íris Marinho Moura em 16 de setembro de 2014.

³⁵ FOUCAULT, Michel. Op. cit., 1984. p. 18.

Era uma juventude diferente, que temia o discurso alheio e aceitava a identidade criada pela sociedade e mantida histórica e culturalmente. Uma juventude “sadia” como dizem aqueles que viveram essa época. Uma cabeça aberta e que teve contato com outras realidades mais avançadas e liberais, ficaria de qualquer forma perdida num espaço retrógrado ou tradicionalista. Não é que se tenha uma má ídole. Provavelmente mulheres como Naza, Barradinha e Conceição Lélis, agiam de forma ousada e diferente porque criaram raízes culturais e identitárias com outras culturas que tiveram contato ao longo da vida. E voltar para Picos com essa nova mentalidade, conseqüentemente seria impactante, marginalizador e instigador a de preconceito.

Em outro momento de sua fala Naza assume uma consciência das conseqüências de seu comportamento. Talvez das três mencionadas anteriormente, tenha sofrido o maior preconceito. Conceição Lélis diz que “nunca encontrei um homem que me chamasse de vagabunda”³⁶. Barradinha entre suas palavras deixou claro que todos gostavam dela. Mas Naza não teve a mesma sorte, e glorifica uma porta que se abriu em sua vida.

Eu acho que se não tivesse esse americano pra casar comigo, nenhum homem se casava comigo, pra sempre eu me setiria aqui no Piauí como uma marginal. Quando eu voltei a morar em Picos quando eu passei no concurso do Banco do Brasil, só quem se aproximava de mim eram os marginais, não eram marginais no mal sentido, eu digo marginais que a sociedade de alguma forma eles eram diferentes, era um que fumava maconha, era um que tinha atitude sei lá, mais liberal, era uma menina que obviamente tinha uma vida sexual ativa. Esse grupo se colou em mim, eu não escolhi amigos os amigos me escolheram.³⁷

Nem amigos, nem homens de boa intenção, a sua sexualidade colocou em jogo a sua integridade moral, a sua vida social e suas relações no espaço da cidade. Acreditamos que a partir desses levantamentos de situações vividas, de vozes que gritam esclarecimentos e denunciam a falta de respeito das pessoas, que ao perder o controle pelos seus corpos, as marginalizaram e criaram identidades para essas mulheres sem conhecer e levar em conta seus verdadeiros motivos e liberdade de pensamento.

³⁶ LÉLIS, Maria da Conceição Leopoldo. Entrevista realizada por Larice Íris Marinho Moura no dia 10 de junho de 2014.

³⁷ MCFARREN, Maria Nazaré Maia Rufino. Entrevista realizada por Larice Íris Marinho Moura em 16 de setembro de 2014.

2.5. As instituições e normatizações

Tudo que foi posto até aqui nos leva a concluirmos que o “ser mulher” para a sociedade picoense das décadas de 60 e 70 do século passado era normatizado de forma rígida, fiscalizadora e punidora por instituições de poder que centralizavam o controle sobre a massa social da época. E se tratando do povo picoense, um povo religioso, devoto e com uma fé inabalável, podemos perceber que uma dessas instituições, provavelmente a maior e mais forte, era a igreja católica.

Se hoje, percebemos o quanto ainda prevalessem algumas normas para frequentarmos a igreja, por exemplo, o uso de roupas mais compostas principalmente se for tomar a comunhão, imaginemos o quão rígidas eram essas normas à cinquenta, quarenta anos atrás. Onde o discurso do pecado amedrontavam as pessoas, o pouco acesso à escrita dificultava as interpretações bíblicas, deixando passivos de verdades prontas os seus devotos.

Os discursos religiosos construíam antônimos que qualificavam ou abominavam os modos da sociedade. O mal e o bem, a verdade e a mentira, o certo e o pecado. Todo esse discurso se infiltrou nas mentes das pessoas normatizando o comportamento social e perpassando ao longo das gerações. Sabemos que desde a Idade Média a Igreja conquistou um poder inigualável, e que com a Idade Moderna, foi repensado a partir das ideias iluministas que se voltaram mais para as habilidades e capacidades humanas, se despreendendo da única e absoluta vontade divina como explicação do todo.

Mesmo com essas mudanças no mundo do conhecimento, onde as pessoas começaram a letrar-se e buscar suas próprias interpretações do mundo real e divino, o poder da igreja continuou inabalável. Também se trata de algo cristalizado há séculos, que passou por várias gerações históricas e mantidas nos rituais cotidianos das pessoas. Dentro dessa instituição surgem várias outras que ajudam na manutenção do poder central, funcionam como mecanismos de controle.

Ai temos a família. Uma instituição tão almejada, porque assim foi ensinado que fosse. Um modelo tão fixo que reproduz preconceito e desprezamento dos novos modelos que afloraram nos últimos anos. Nesse modelo, chamamos atenção para a mulher. Aquela que mais desejava fazer parte dessa instituição. O sujeito secundário, submissa à ordem masculina que rege as normas de acordo com o modelo estabelecido pela instituição maior. A mulher fica responsável pelo bom trato do marido, a educação dos filhos e os afazeres domésticos. E quando se abre as portas para o mundo do trabalho, que quase sempre é voltado para o magistérios, há um acúmulo de atividades que sobrecarrega, que pesa e recai sobre a mulher.

Os namoros constituem uma outra instituição que é minimamente fiscalizada pela instituição maior, a igreja. Nele deve haver o respeito, a castidade, o companheirismo e a abstinência. Mas essas regras são na maioria voltadas pelo resguardamento feminino, do seu corpo, da sua sexualidade, da sua pureza, apreciando acima de qualquer bem, a virgindade feminina. Diríamos aqui que a virgindade feminina, constitui também uma instituição. Uma das mais ditadas, moldadas e vigiadas. É um tesouro que constitui a honra familiar e pessoal de uma moça e que deve ser guardada com o mais delicado cuidado.

Daí se observa como deve se abster a mulher. Desprovida de desejos e sensações, ou pelos menos é o que se desejava naquela época. A mulher que deveria ser de um só homem, e este antes do seu agrado, deveria agradar a família. Não se perguntava se aquele rapaz satisfazia aquela moça, pois a moça não deveria ser satisfeita, apenas satisfazer. Era um objeto que tinha medo de sexo, assim como tinha medo de menstruação, de beijar na boca, e de todas as outras coisas da adolescência que não se conversava, não se orientava. Imaginemos uma moça recém casada, virgem, sem saber ao certo o que deveria fazer, sentir ou até mesmo permitir. O seu papel ali é ser de uma outra pessoa, e não propriamente sua. Deveria esconder o seu prazer, se é que sentia. Pois por prazer, e para o prazer existiam as prostitutas, com quem os homens tinham toda liberdade sexual, até mesmo desrespeitadora.

A mulher era uma máquina receptora, procriadora que deveria estar a disposição do marido mesmo sem que o sexo fosse sua vontade. Realmente não deveria ser empolgante uma transa para satisfazer apenas o outro. Então, a virgindade enquanto objeto vigiado, caso fosse perdida antes do casamento, que era uma outra instituição, era alvo de punição. E a pior possível, ou se obrigava a moça a casar com o rapaz e ser dele o resto da vida, sem perguntar ou se importar com os sentimentos que existiam entre ambos; ou ela era expulsa de casa, abandonada pela família e sujeita ao trabalho na prostituição.

Quanto ao casamento, é uma instituição que antecede à família, mas que a constitui. Imaginemos um casamento de dois jovens que se arriscaram a transgredir as normas e se entregar à momentos de prazer, se não havia sentimento, e ambos fossem forçados a conviverem comunalmente, o quanto deveria ser difícil a convivência, principalmente numa sociedade que abominava o divórcio, como se observa na fala da dona Conceição Lélis: “Eu passei vinte cinco anos casada, ai fui embora pra Teresina, lá eu me separei, mas mesmo assim ainda passei três anos sem andar aqui em Picos. E quando eu vim muitos da minha

família ainda não me receberam direito.”³⁸ Ou seja, o casamento era uma instituição sagrada que não poderia depois de feita, se desmanchar, porque representava um pecado.

Na verdade, talvez a grande preocupação fosse com a liberdade que uma mulher ganharia com o divórcio depois de ter conhecido a vida sexual. Como disse dona Socorro Fortaleza em um trecho citado anteriormente, a moça deveria ser de um rapaz só e depois que acontecia um ato sexual ela estava sujeita a ele para o resto da vida. Em outros fragmentos da entrevista com a professora Socorro Fortaleza ela fala da questão religiosa em relação as roupas que as mulheres usavam.

Na igreja eu levei muitas carreiras, [risos], era o padre, o padre Davi Ângelo e o padre Madeira, era outra luta, eu acho que papai achava bonito o que os padres faziam e ele copiava porque lá também a gente tinha que levar o bolero, porque se entrasse na igreja e eles vissem mandava sair mesmo, era terrível. E com a roupa curta e as vezes eu levei muitas carreiras mesmo.³⁹

Essa normatização, que tentava encobrir as curvas femininas e podar a erotização nos espaços públicos, infiltrou de forma forte na mente passiva da sociedade tanto que em outras instituições como na escola, a vestimenta era seriamente fiscalizada. Dona Socorro Fortaleza disse que: “Na escola normal a diretora, dona Zizi, ficava no portão medindo as saias tinha que ser quatro dedos acima do joelho, se não fosse ela não deixava entrar. Mas a gente quando entrava na escola dobrava o cós e a saia ficava mais curta [risos].”⁴⁰. Então é notável como o discurso da moralidade feminina estampada nas vestimentas, é oriundo de uma versão religiosa, assim como os outros conceitos sobre comportamentos, corpo e sexualidade.

A própria imagem que se é passada da virgem Maria enquanto uma mulher pura e “virgem”, mantendo-se virgem mesmo depois de um parto, é um sinal da valorização desta marca feminina. Ou seja, uma verdadeira serva de Deus, deve espelhar-se na “virgem Maria”, que é livre de pecados. Outro fator notável também é a ideia do fruto proibido, da teoria religiosa para a origem do mundo. Primeiro Eva é criada de uma costela de Adão, ou seja, ela deve a ele sua vida e é inferior. Segundo Eva seduziu Adão à provar o fruto proibido, que pode ser comparado ao prazer sexual, colocando sobre o gênero feminino, semelhante de Eva, a culpa da criação dos pecados e da evolução da vida incluindo a morte.

³⁸ LÉLIS, Maria da Conceição Leopoldo. Entrevista realizada por Larice Íris Marinho Moura no dia 10 de junho de 2014.

³⁹ FONTES, Maria do Socorro Fortaleza Fontes. Entrevista realizada por Larice Íris Marinho Moura no dia 10 de junho de 2014.

⁴⁰ Idem.

Assim como Dona Socorro Fortaleza, as demais entrevistadas identificaram a igreja como um lugar que barrava a entrada de mulheres com roupas sem mangas ou saias curtas. Em outra entrevista de uma outra pesquisa voltada para as sociabilidades das prostitutas em Picos na década de 1960, uma das entrevistadas, que foi meretriz nesse período, disse que eram proibidas de entrar na igreja e em lugares públicos como o Picoense clube, os clubes de piscina e até mesmo pelo centro da cidade. Estas mulheres, e que fique claro, de vida sexual ativa só eram permitidas andar pelo centro na segunda-feira, e assim sendo, as moças e mulheres de família evitavam andar nesse dia para manter distância das “pecaminosas” e “impuras”. No próprio código de postura da cidade de Picos, documento oficial que ordenava as ações dentro do espaço da cidade limitava o espaço para as mulheres sexualmente ativas, chamadas de prostitutas: “As mulheres prostitutas são obrigadas a respeitar guardar dêcoro as famílias sob pena de prisão de 24 horas que será elevada ao duplo sua incidencia.”⁴¹

Nesse fragmento do documento podemos identificar o esteriótipo que reveste a mulher sexualmente ativa como uma doença que pode ser contagiosa, como uma semeadora do pecado e que não é digna de respeito. O tratamento e o desprezo das pessoas para com essas mulheres que eram, sobretudo, marginalizadas economicamente, não se distanciava muito com o tratamento para as mulheres de famílias tradicionais que optavam pela liberdade sexual como Naza Rufino.

Segundo Foucault, “O enraizamento do poder, as dificuldades que se enfrenta para se desprender dele, vem de todos esses vínculos. É por isso que a noção de repressão , à qual geralmente se reduzem os mecanismos do poder, me parece muito insuficiente , e talvez até perigosa”⁴². Nesse sentido, podemos perceber o quanto as instituições que se recaíram sobre o corpo e a sexualidade feminina introjetaram na sociedade o sentimento de submissão e sujeição, e que se desprender desses princípios, como é o caso da Naza Rufino, era uma reação que espantava, que marginalizava e que a excluía do quadro de sociedade comum controlada.

Conclui-se portanto, que a Igreja católica assim como as demais instituições imbricadas à ela, produzem um discurso normatizador que fiscaliza e enquadra a sexualidade feminina em um modelo santificado, valorizando acima de qualquer bem, a virgindade feminina. Os casos aqui analisados, principalmente o de Nazaré Rufino Macfarren, nos ilustram o quanto era apreciada na sociedade picoense das décadas de 1960 e 1970, a pureza

⁴¹ Código de Postura de Picos. 1901. p. 18

⁴² FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 25 .ed. São Paulo: Graal, 2012. p. 239.

da mulher, bem como as consequências violentas das expressões de liberdade por essas mulheres que viveram sua juventude nesse tempo e espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos aspectos mencionados aqui, tanto da relação da mulher com a sociedade, com seu corpo e sua sexualidade, quanto do poder que a sociedade tinha sobre as mulheres picoenses, pode-se concluir que a questão feminina é bem mais antiga do que se imagina. Recentes são os estudos sobre ela. A muito tempo, assim como a marginalização social imposta a elas, a exclusão ou não visibilidade historiográfica é algo a ser analisado como um processo histórico. Porque não se construía uma História das mulheres enquanto sujeitos históricos, mesmo apontando as dificuldades do exercício desse papel social? Talvez porque de fato ela não tinha papel social, ou porque os historiadores não as viam com a mesma importância que a política, geografia, e outros temas mais.

A questão de exclusão da mulher da sociedade pode ser respondida a partir da sua própria exclusão da História. Esse é um processo histórico e cultural, que se processa ao longo do tempo, refletindo na forma de pensar da sociedade picoense das décadas de 1960 e 1970. Ao longo do texto, procuramos discutir os dispositivos através dos quais era retirado de cada sujeito feminino o direito sobre o seu corpo, bem como, em contrapartida, o discurso normatizador que apontava que o uso do seu corpo manchava a sua reputação. Mas quem tirava a reputação ou a moral de uma mulher? Ela mesma ao manter relação sexual com um homem antes ou fora de um casamento? Ou a sociedade a partir do julgamento sobre tal fato? Acredito que a sociedade.

A mulher na figura desejada pela sociedade, foi desenhada ao longo do tempo histórico e da cultura de cada região. Na nossa cultura, do homem macho e da mulher dona de casa, foram marginalizadas aquelas que não se deixaram acorrentar. Mas quem criava e reproduzia essas normatizações? A igreja figura melhor esse papel, e seus fieis, da sociedade picoense, o reproduziam já que tratava-se de um ser “inferior”. O cabresto deveria sempre estar nas mãos do chefe de família. O esquema segue portanto da seguinte maneira: a igreja, instituição maior, criou ou manteve outras instituições como a família, que devem ajudá-la a disseminar os princípios que ela cria. Princípios agressores, que rege sem medir, porque o outro que está sentindo não merece tanta importância.

O corpo e a sexualidade feminina eram duramente vigiados, e o ponto, talvez mais interessante a ser observado, é a forma como as mulheres picoenses desse período, absorveram esse discurso ajudando a sociedade a manter o controle sobre elas próprias. A ideia de pecado sobre o ato sexual, criou algumas “verdades” que prestigiavam a virgindade feminina, os mascaramentos dos corpos, enquanto valores que definiam a moral não só da

mulher em si, mas de toda a família. A mulher só simbolizava a família no quesito moral, quando o não exercício da sua sexualidade representava a honra e o respeito para o chefe.

Em linhas gerais, o que tentamos mostrar ao longo do texto, foram as qualificações que se formam em torno das mulheres picoenses das décadas de 1960 e 1970 a partir das apropriações dos seus corpos e da sua sexualidade, que nesse período não eram seus de fato, mas de uma sociedade regida por uma instituição maior, a igreja, que mantinha o controle através do discurso do pecado. Apontamos também as dificuldades, preconceitos e consequências das exceções dessa sociedade, daquelas que ousaram ser donas do seu corpo, ou se comportar de maneira não própria para uma “moça de respeito” na época.

Naquela Picos de outrora houve sim uma forte reprodução da imagem feminina construída historicamente com base nos princípios religiosos. As mulheres que se atreveram seguir outros padrões de verdade que hoje nos parece bem mais aceitos, sofreram sérias retaliações como é o caso de Naza MacFarren. A especulação da sexualidade feminina constituía ai um problema social constantemente combatido. Daí as resistências desses princípios na sociedade hoje, que embora convivendo em um tempo diferente e mais moderno, ainda teimam em subjulgar as novas propostas de relacionamento e demarcações sociais alcançados pelas mulheres, principalmente no que diz respeito à igualdade sexual entre os gêneros. Aqueles que viveram nessas referidas décadas e que vivem até hoje na nosso meio, sofrem com o estranhamento dos novos comportamentos, porque suas concepções de verdade e de pecado foram por eles absorvidos de forma repressora e ainda persistem.

REFERÊNCIAS

ENTREVISTAS

FONTES, Maria do Socorro Fortaleza Fontes. Entrevista realizada por Larice Íris Marinho Moura no dia 10 de junho de 2014.

LÉLIS, Maria da Conceição Leopoldo. Entrevista realizada por Larice Íris Marinho Moura no dia 10 de junho de 2014.

MCFARREN, Maria Nazaré Maia Rufino. Entrevista realizada por Larice Íris Marinho Moura em 16 de setembro de 2014.

RIOS, Maria do Socorro Barradas Falconeri. Entrevista realizada por Larice Íris Marinho Moura em 15 de setembro de 2014.

SANTOS, Minervina dos. Entrevista cedida à Eveline Maria B. Costa, Larice Íris M. Moura e Rosahilda M. Cortez. Picos, 03 de novembro de 2011.

SOUSA, Suzana Maria Lopes. Entrevista cedida à Eveline Maria B. Costa, Larice Íris M. Moura e Rosahilda M. Cortez. Picos, 01 de novembro de 2011.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nordestino**: uma invenção do falo; uma história do gênero masculino (Nordeste: 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CASTELO BRANCO, Edwar. In.: **Anais do VII Seminário Fazendo Gênero**. Santa Catarina, 2006.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres Plurais**. Teresina: Edições Bagaços, 2005.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral**: memória, tempo, identidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FERREIRA, Fábio Gonçalves et al. Anos Rebeldes. In: **Revista Foco**: 111 anos Picos, nossa História. I ed. Picos, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **História da sexualidade 3**: o cuidado de si. Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal. 1986.

_____. **Microfísica do poder**. 25 .ed. São Paulo: Graal, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. 5.ed. Campinas-SP: UNICAMP, 2003.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In.: _____; PEDRO, Maria Joana (org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 471.

ROCHA, Olivia Candeia Lima. **Mulheres, Escrita e feminismo no Piauí (1875-1950)**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2011.

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. In: Revista Educação e Realidade. Porto Alegre: UFRGS, 1990.

SOIHET, Rachel. História das mulheres. In. CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História:** ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

VAINFAS, Ronaldo. **História:** Questões e Debates. N.50. Curitiba, Editora: UFPR, jan/jan 2009.

VARÃO, Maria Goreth de Sousa et al. **Picos:** histórias que as famílias contam. Teresina: EDUFPI, 2007.

APÊNDICES